



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Centro de Excelência em Turismo
Curso de Bacharelado em Turismo

MARCUS VINICIUS MARINHO SENISE

**FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO E SUA
RELAÇÃO COM A CIDADE COMO EXPERIÊNCIA TURÍSTICA**

BRASÍLIA

2015



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Centro de Excelência em Turismo

Curso de Bacharelado em Turismo

MARCUS VINICIUS MARINHO SENISE

FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO E SUA RELAÇÃO COM A CIDADE COMO EXPERIÊNCIA TURÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade de Brasília, para
obtenção do título de Bacharel em
Turismo, realizado sob orientação da
Prof.^a Dr.^a Karina Dias.

BRASÍLIA

2015

Senise, Marcus Vinicius Marinho.

Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e sua
relação com a cidade como experiência turística / Marcus
Vinicius Marinho Senise. - Brasília, 2015.

69 f. : il

Monografia (graduação) - Universidade de Brasília,
Centro de Excelência em Turismo, 2015.
Orientadora: Prof. Dra. Karina e Silva Dias

1. Conceitos. 2. Brasília 3. Cinema. 4. Festival de
Brasília do Cinema Brasileiro. I. Título.

Marcus Vinicius Marinho Senise

**Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e sua relação com a cidade como
experiência turística**

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Karina e Silva Dias – Orientadora

Prof. Dr. Luiz Carlos Spiller Pena – Membro Interno

Prof.^a Dr.^a Ivany Neiva – Membro Externo

Prof. M.^a Tatiana Vieira Terra – Suplente

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por terem sempre me apoiado desde a escolha do curso até o final do mesmo;

A todos os professores que passaram pelo curso e com paciência e esforço conseguiram passar suas experiências e ensinamentos;

À Karina Dias, minha orientadora, não só pela orientação, mas pelas aulas de cinema e arte, sempre divertidas e inspiradoras;

Aos colegas e amigos do curso, que dividiram por cinco anos diversas viagens, trabalhos e histórias pra contar;

A todos outros amigos pelo apoio, principalmente à Larissa e à Stella, que acreditaram e me deram força para terminar esse trabalho.

RESUMO

A partir do conceito de turista cidadão, este trabalho mostra as possibilidades que o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro apresenta para uma experiência turística do habitante de Brasília. A partir da análise do projeto de Lúcio Costa, no qual o espaço bucólico é planejado para o aproveitamento do espaço público da cidade pelos moradores, é explicada a relação homem-cidade, através de eventos culturais e principalmente do cinema. Também é mostrada a relação do cinema com Brasília, através de seus festivais, espaços de cinema, atores e diretores, e do festival mais antigo e tradicional do Brasil, o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

Palavras-chave: Turismo cidadão, Brasília, cinema, Festival de Brasília do Cinema Brasileiro

ABSTRACT

From the concept of citizen tourist, this monography shows the possibilities that the Brasilia's Festival of Brazilian Cinema presents to a touristic experience for the inhabitant of Brasilia. The analysis of the project of Lucio Costa, in which the bucolic space is planned aiming to the better utilization of the city's public space by it's population, is used as a starting point to explain the relation between the city and citizens through cultural events and, mainly, the cinema. Also, the relation between the cinema as an art and Brasilia through it's festivals, movie spaces, actors and directors, and through the oldest and most traditional Brazil's festival, the Brasilia's Festival of Brazilian Cinema.

Key-words: Citizen tourist, Brasilia, cinema, Brasilia's Festival of Brazilian Cinema.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. CONCEITOS.....	11
1.1 Turismo.....	11
1.2 Turista Cidadão.....	12
1.3 Turismo Cultural	14
1.4 Turismo Cinematográfico.....	16
2. BRASÍLIA.....	23
3. BRASÍLIA E O CINEMA.....	33
3.1 Brasília Film Commission.....	35
3.2 Produções em Brasília.....	37
3.3 Espaços de cinema.....	42
3.4 Festivais de cinema.....	48
3.5 Atores e diretores brasilienses.....	49
4. FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO.....	54
4.1 Histórico.....	54
4.2 Sobre o Festival.....	56
4.3 Atividades paralelas.....	58
4.4 Dificuldades do Festival.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	66

INTRODUÇÃO

A estreita relação entre o cinema e Brasília vem desde a época da construção da cidade. Ainda durante a construção, diversos cineastas amadores, profissionais e curiosos registravam em suas câmeras imagens do erguimento da cidade. Desde então, Brasília sempre esteve presente nas telas de cinema e televisão. Seja pela sua importância política, seja também pela beleza dos seus monumentos. A cidade também possui uma grande tradição e importância para o cenário cinematográfico nacional. Brasília recebeu o primeiro curso de cinema a nível de graduação no país; já foi considerada o terceiro maior pólo produtor de cinema do país, graças ao Polo de Cinema Grande Otelo, uma área de 400 hectares que já foi palco de mais de 80 produções cinematográficas no Distrito Federal; e também recebe o mais antigo e tradicional festival de cinema do Brasil, o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

Esse trabalho procura responder de que forma o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro se transforma em uma experiência turística para o habitante da cidade.

A justificativa do tema desse trabalho vem do meu interesse e da minha participação em festivais de cinema desde meados de 2007, quando descobri a diversidade de opções de eventos relacionados ao cinema e à cultura em geral em Brasília. A partir daí, frequentei diferentes festivais como por exemplo o Festival Varilux de Cinema Francês, Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, Festival Internacional de Filmes Curtíssimos e o Anima Mundi, segundo maior festival de animações do mundo, realizado em São Paulo. Pude perceber então, que existe uma mudança na rotina das pessoas que frequentam esses festivais, que por vezes vão a determinado espaço de cinema somente para assistir aos filmes dos festivais, ou turistas que fazem questão de incluir a programação de festivais às suas viagens, como foi o meu caso em São Paulo por exemplo.

Para esse trabalho é levado como base o conceito proposto pela Susana Gastal e Marutschka Moesch (2006) de turista cidadão, onde o morador é turista na própria cidade, a partir do usufruto e da experimentação do espaço público e dos eventos culturais, surgindo assim o sentimento de pertencimento e identificação com a cidade.

Em Brasília, esse usufruto das áreas públicas foi pensado desde o projeto de Lúcio Costa, que separou as áreas bucólicas para aproveitamento e diversão da população, que se conecta com a natureza e com a cidade através desses espaços.

O objetivo geral do trabalho é compreender o papel que o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro exerce como uma opção de experiência turística para a população local. Como objetivos específicos, estão: analisar a relação de Brasília com o cinema, mostrando o histórico dessa relação desde a criação de Brasília até a atualidade, através das produções realizadas na cidade, além dos espaços e festivais de cinema que acontecem em Brasília; mostrar a relevância que o Festival

de Brasília do Cinema Brasileiro possui para com o morador local e para a cidade, analisando suas influências no cotidiano do brasiliense; e por fim mostrar a finalidade das áreas bucólicas de Brasília, e como o morador pode interagir com elas, criando uma nova percepção do espaço.

A relevância desse trabalho está na busca de mostrar a importância histórica e cultural do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro para com a cidade, que já possui uma estreita relação com o cinema e de democratizar não só o Festival e o cinema, mas como qualquer programação cultural, a fim de que esta esteja disponível para todos, independente de classe social.

Metodologicamente, o trabalho possui uma abordagem fenomenológica, já que a fenomenologia trata da percepção dos sentidos como viés principal de análise.

Bonomi (1974) afirma que a fenomenologia é “não desagregar a evidência do mundo, nem construir uma nova como se ela nunca tivesse existido (...), é modificar a direção do olhar, que não será mais dirigido (como na atitude natural) para o mundo e as coisas da experiência, mas para aquela dimensão em que se constituem essas coisas e esse mundo”.

As pessoas direcionam seu olhar para aquilo do seu interesse. Percebem, reagem e interagem com aquilo que se vê, um olhar que acaba por excluir o que está ao redor. A fenomenologia permite uma abrangência desse olhar, a criação de um olhar reflexivo, que percebe e enxerga além do óbvio, descobrindo novas coisas.

Para Masini (1989), a fenomenologia é centrada no ser humano e no significado que ele dá às coisas que são vividas. A partir da vivência, o homem vai dando significados e sentidos sobre tudo aquilo que é experimentado, unindo-se assim a eles. Quando percebemos novas características àquilo que é visto, damos também novas interpretações e compreensões diferentes. Para Masini, a pesquisa fenomenológica parte da compreensão do viver, e não de definições ou conceitos.

Relacionando a fenomenologia para o campo de turismo, Netto (2011) coloca o homem como aquele que dá significado ao turismo, fazendo com que o turismo vá além da relação de consumo e mercado, pois nele se considera o sujeito, o tempo e o espaço.

Assim, a partir da análise fenomenológica, o morador de Brasília, através da experimentação do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e de outros eventos culturais, dá um novo significado à cidade. A compreensão do espaço é dada através da experimentação do cidadão nesse espaço.

Em relação à estrutura do trabalho, este foi dividido em quatro capítulos. O primeiro é uma síntese dos principais conceitos utilizados no trabalho. O segundo capítulo trata de Brasília e o projeto de Lúcio Costa com as escalas da cidade, incluindo a escala bucólica. O terceiro capítulo traça a importância e relação de Brasília com o cinema, desde a época da construção até os dias atuais, dando enfoque nos artistas e diretores de Brasília, filmes e documentários que usaram o cenário da cidade, assim como espaços e festivais de cinema na capital. O quarto capítulo trata sobre o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, sua história e importância para a cidade.

1- CONCEITOS

1.1- TURISMO

Para entender e responder a problemática deste trabalho precisa-se entender e discutir alguns conceitos referentes ao turismo. A OMT (Organização Mundial do Turismo) define turismo como o conjunto de atividades praticadas pelos indivíduos durante as suas viagens e permanência em locais situados fora do seu ambiente habitual, por um período contínuo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, negócios e outros. (OMT, 1999).

Para muitos autores também, o turismo se resume basicamente ao deslocamento e movimentação da economia local, através do uso de equipamentos turísticos como hotéis, restaurantes, agências, entre outros. Porém, o turismo é uma atividade dinâmica, ampla e abrangente, que engloba diversas outras áreas e setores. Se nos basearmos em um só conceito, estaremos nos fechando às diversas outras possibilidades de entender o turismo.

O foco dos conceitos na movimentação da economia local por exemplo, exclui atividades que geram uma troca cultural entre o turista e o morador local, atividades essas que nem sempre possuem um valor econômico envolvido, mas que geram um aprendizado, uma valorização da cultura e que pode possibilitar diversas consequências positivas para a comunidade.

Outra questão sempre citada para a realização do turismo é a obrigação do deslocamento para fora do seu ambiente habitual. Ou seja, um morador que decide conhecer novos bairros dentro da própria cidade, ou até mesmo caminhar ao redor da sua residência, e assim começar a observar a cidade de um jeito diferente, vendo detalhes e observando características antes despercebidas, dando um outro sentido às coisas ao seu redor e à própria cidade onde ele mora, não pode ser considerado um turista?

Questões como essa, que envolvem uma nova percepção, um aprendizado, uma experiência, fogem do conceito tradicional de turismo, mas requerem uma merecida atenção, pois contém aspectos que estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, tanto dos moradores quanto dos turistas. Pessoas querem interagir com a comunidade que está sendo visitada, conhecer sua gastronomia, participar de atividades tradicionais e deixar um legado à elas. Moradores também, sufocados pelos congestionamentos das grandes cidades, da poluição visual e sonora, de prédios para todos os lados, querem alternativas à esses problemas, andando pela cidade, conhecendo caminhos alternativos e vendo que a cidade pode possuir diversos significados, só dependendo do modo como ela é vista.

1.2- TURISTA CIDADÃO

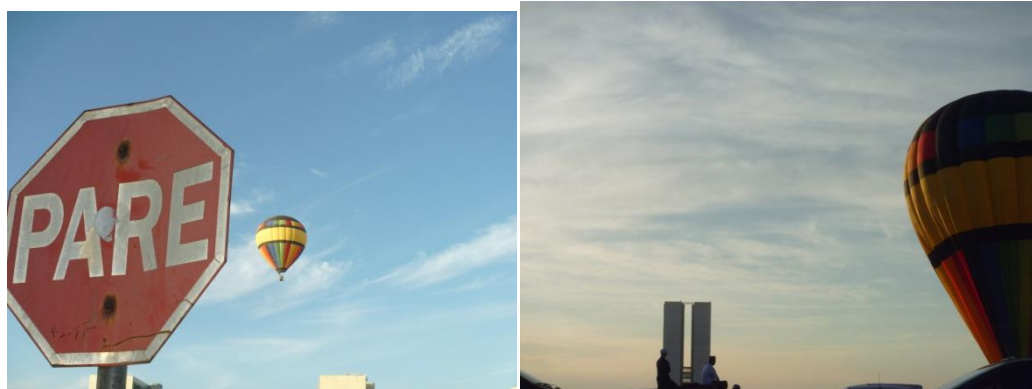
Para atender essas outras possibilidades que o conceito de turismo pode oferecer, como o turismo de experiência ou do morador sendo turista na própria cidade, Susana Gastal e Marutschka Moesch lançaram em 2006 o livro “Turismo, Políticas Públicas e Cidadania” trazendo o inovador conceito de Turista Cidadão:

Turista cidadão é o habitante que desenvolve um relacionamento diferenciado com o local onde mora no seu tempo de lazer, quebrando o modelo existencial da sociedade industrial criticado por Jost Krippendorf (trabalho – moradia – lazer – viagem), de acordo com o qual o lazer, as práticas sociais capazes de restabelecer o equilíbrio físico e emocional do homem contemporâneo, só seria possível em lugares distantes da própria residência. (SALLES apud GASTAL, 2006)

Esse conceito de turista cidadão aborda uma nova visão do ser turista e do turismo, onde o próprio morador e a relação que ele tem com a cidade em que mora é o principal aspecto abordado, acima de valores econômicos, deslocamentos, ou outras características citadas em outros conceitos. O turista cidadão se apropria da cidade de uma maneira não habitual, treinando seu olhar em lugares que antes eram despercebidos e ignorados pelo morador, seja pela falta de atenção ou até mesmo a falta de tempo para praticar esse olhar.

O significado dessa nova experiência irá variar de acordo com a pessoa que a percebe. As sensações, as memórias e os sentimentos são únicos para cada indivíduo, e cada novo lugar observado poderá ter diferentes significados a partir disso. Levando isso em consideração, uma agência de viagens acostumada ao turismo de massa, não conseguirá alcançar ou vender roteiros pré-estabelecidos para esse público que busca sensações e experiências próprias. Isso só dependerá do próprio morador, que a partir do seu deslocamento pela cidade, irá associar o que vê às suas memórias e sentidos.

Trocar o carro por uma caminhada, ir para lugares e bairros desconhecidos na própria cidade, participar das atividades culturais, observar a arte urbana da cidade são exemplos de ações que podem surpreender o morador, pela inovação e descoberta de que certas coisas nas quais se pensava só existir em lugares distantes podem estar muito mais acessíveis do que parecia.



Fontes: Figura 01: Intervenção artística em um bueiro do artista Plic. Usha Velasco (2010);
Figura 02 e 03: Campeonato de balonismo na Esplanada dos Ministérios. Marcus Senise
(2012)

As autoras também citam a importância de democratizar o acesso e a gestão através de políticas públicas do setor:

[...] o turismo passará a exigir não só políticas públicas que visem a preparar os destinos para receber visitantes, mas também políticas públicas que venham a garantir, mesmo a grupos economicamente excluídos, o exercício e o usufruto do lazer e, por extensão, do turismo [...](GASTAL;MOESCH, 2006, p.73).

Para se apropriar da cidade como um todo, é necessário ter condições de acesso a ela. Opções de lazer e entretenimento não devem ser exclusivas a quem possui uma localização ou condição financeira privilegiada. Para ser um turista cidadão, como o próprio nome propõe, a cidadania precisa estar presente. E é direito do cidadão possuir acesso à saúde, educação, moradia, trabalho, previdência social, lazer, entre outros. Muitos lugares e cidades priorizam certas áreas, nas quais o turista se fará mais presente. Assim, surge a desigualdade e exclusão dos menos privilegiados.

Para esse problema diminuir, é necessária uma articulação entre o poder público, os moradores da cidade e o poder privado. As demandas e a carência da população devem ser ouvidas. A falta de espaços públicos para prática de esportes, lazer e cultura é visível nas cidades-satélites do Distrito Federal, o que acaba refletindo na rotina dessas pessoas, que não possuem opções de entretenimento no próprio local onde moram.

Um grande exemplo de boa prática no Distrito Federal é o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), que apesar de ter a localização afastada do centro de Brasília, oferece gratuitamente um ônibus que passa em diversos pontos da cidade, como por exemplo, a Universidade de Brasília, o Teatro Nacional, a Biblioteca Nacional, entre outros; além de possuir uma diversa gama de atividades gratuitas como teatros, exposições, palestras, cinema, etc.

Outro exemplo é o próprio Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, que apesar de sua sala de exibição principal ser o Cine Brasília, tem também passado diversas mostras paralelas em cidades-satélites como no Gama, Ceilândia, Taguatinga e Sobradinho, sempre gratuitamente.

Esses são exemplos de ações que visam democratizar o acesso à cultura e ao lazer, dando uma oportunidade às pessoas que nunca tinham ido a uma sala de cinema, assistido uma peça de teatro ou visto uma exposição. Também pode mostrar para essas pessoas o novo, aquilo que parecia distante ou pertencente a uma classe privilegiada, fazendo com que esses moradores percebam a sua cidade e as coisas ao seu redor de uma maneira diferente.

1.3 TURISMO CULTURAL

Definir o que é cultura é um desafio complexo devido às inúmeras interpretações e sentidos diferentes que lhe são dados. Diferentes áreas dão diferentes significados à palavra “cultura”. Entre os romanos, cultura tinha o sentido de agricultura, cultivo da terra para a produção. Ainda hoje são utilizadas expressões como “cultura da soja”, “cultura do arroz”, etc. Na filosofia, pensadores como Voltaire (1694-1778) e Kant (1724-1808) definiam cultura como o processo de aperfeiçoamento moral e racional da sociedade. Porém, o conceito mais utilizado vem da antropologia, a partir do conceito definido por Edward Burnett Tylor (1871),

que considerava cultura como “todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade”.

Já o turismo cultural é definido de acordo com os marcos conceituais do Ministério do Turismo como aquilo que compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura.

Uma questão importante citada nesse conceito do Ministério do Turismo é a da vivência. Vivenciar, segundo a própria cartilha, significa buscar aprendizado, entender e respeitar o que está sendo visto, e também inclui experiências participativas e contemplativas.

O tamanho geográfico do Brasil permite uma enorme pluralidade da cultura brasileira, fazendo com que os brasileiros possam desfrutar de uma cultura muito rica e diversificada. Cada estado do Brasil possui características próprias, seja na gastronomia, dança, história, clima, cultura, entre outros.

A cultura brasileira também foi fortemente influenciada pela imigração e pelo tempo da escravidão. A cultura africana no Nordeste, a arquitetura alemã no Sul, a imigração japonesa em São Paulo, entre outros, mostram essa diversidade e pluralidade cultural brasileira.

Essa rica diversidade cultural brasileira tem que ser valorizada não só por turistas que a visitam e a conhecem pela primeira vez, mas também pelos moradores desses lugares. Saber da história de onde se vive, participar dos eventos culturais que ali acontecem, reconhecer o patrimônio histórico e cultural da cidade são etapas importantes para uma maior valorização da identidade cultural, da preservação e conservação do patrimônio.

Ir aos festivais de cinema, shows, eventos ao ar livre, teatro, entre várias outras opções, faz com o que o morador passe a ser um turista cidadão, conhecendo melhor a diversidade cultural da sua cidade, valorizando esse cenário e criando um vínculo com a cidade que não existia antes, através da descoberta de opções de atividades culturais. Dessa forma, cresce o sentimento de pertencimento entre o ambiente e o morador, que passa de mero espectador para participante da cidade.

No Distrito Federal, há diversas opções para essas experiências culturais, que na maioria das vezes acontece de forma gratuita e abrange diversas áreas culturais e de entretenimento diferentes. No campo da literatura ocorre por exemplo a Bienal Brasil do Livro e da Leitura; no campo do cinema temos o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro; no do teatro o Palco Giratório; no do circo o Sesc FestClown, entre outros.

Todos esses são eventos gratuitos e incluem a área do teatro, cinema, literatura, música, circo, teatro de bonecos, poesia, entre outros. Atividades culturais acessíveis e disponíveis para diversos gostos e idades, e que devem ser igualmente aproveitadas por turistas e moradores locais. Cultura não deve ser privilégio de poucos, mas sim feita e disponível para muitos.

1.4 TURISMO CINEMATOGRAFICO

O cinema tem despertado nos últimos anos um crescente interesse entre pessoas do mundo todo, e tem sido uma motivação de viagem para pessoas que se inspiram em cenários e paisagens mostradas em filmes, séries e documentários e que querem conhecer e sentir na pele o mesmo que os personagens dos filmes vistos. O turismo cinematográfico é uma das vertentes do turismo cultural e pode ser definido como “a visitação de turistas a locais ou atrações a partir da aparição do destino na tela do cinema, TV, vídeo doméstico e internet [...]” (BRASIL, 2007).

Um dos maiores exemplos de sucesso de destinos no qual o turismo se adaptou e cresceu rapidamente devido ao cinema foi a Nova Zelândia. A partir de 2001, quando foi lançado o primeiro filme da trilogia de O Senhor dos Anéis, a Nova Zelândia e suas belas paisagens foram vistas por mais de 50 milhões de espectadores nos Estados Unidos e Canadá apenas nos três primeiros meses de exibição. Segundo SHELTON (2001), em 1999, antes da estréia dos filmes, o país recebia cerca de 1,5 milhões de turistas ao ano, e de 2003 a 2005, esse número passou a ser pouco mais de 4 milhões de turistas. Destes, 3,8 milhões ouviram falar do filme e 2,6 milhões assistiram ao filme de Peter Jackson. E também, 240 mil visitantes afirmaram que foram à Nova Zelândia somente para conhecer os cenários de o "Senhor dos Anéis".

Dado esse visível crescimento no turismo cinematográfico na Nova Zelândia, o país se preparou e se adaptou a receber esses turistas. Aeroportos, companhias aéreas, bares, teatros, entre outros mudaram sua decoração e seu modo de receber esses turistas a fim de chamar a atenção das inúmeras pessoas que visitam o país por causa do filme.



Companhia aérea Air New Zealand com adesivos promocionais da trilogia de O Senhor dos Anéis.

Fonte:

<http://i612.photobucket.com/albums/tt206/Khemistry84/FS2004%20Screenshots%202/AirNewZealand744PMDGLOTR19.jpg>



Escultura de Gollum, personagem de O Senhor dos Anéis, na praça de alimentação do Aeroporto de Wellington, Nova Zelândia.

Fonte: <http://info.abril.com.br/>



Embassy Theatre, com uma imagem de Gandalf, personagem de O Hobbit e de O Senhor dos Anéis.

Fonte: <http://www.richardarmitagenet.com/>

Diversos outros lugares no mundo também sentiram o impacto em número de visitantes após uma gravação de filme no lugar. Segue alguns exemplos:

Filme	Locação	Impacto em número de visitantes ou faturamento
Coração Valente	Wallace Monument, Escócia	300% de aumento do número de visitantes depois do lançamento
Dança com Lobos	Fort Hayes, Kansas, Estados Unidos	25% de aumento comparado com apenas 7% em média nos 4 anos anteriores
Contatos Imediatos do Terceiro Grau	Devils Tower, Wyoming, Estados Unidos	75% de aumento em 1975, 20% dos visitantes ainda hoje vêm por causa do filme
O Último dos Moicanos	Chimney Rock Park, North Carolina - EUA	25% de aumento anual depois do lançamento
Trilogia Harry Potter	Várias locações no Reino Unido	Todas as locações tiveram acréscimo de 50% ou mais
Missão Impossível	2 Parques Nacionais em Sidney, Austrália	200% de aumento em 2000
Crocodilo Dundee	Austrália	20,5% de aumento de visitantes
Um Lugar Chamado Notting Hill	Kenwood House, Inglaterra	10% de aumento em 1 mês
Em Busca do Soldado Ryan	Normandia, França	40% de aumento de turistas
Orgulho e Preconceito	Lyme Park em Cheshire, Inglaterra	150% de aumento de visitantes
Tróia Canakkale	Turquia	73% de aumento de

		turismo
O Capitão Corelli	Cefalonia, Grécia	50% de aumento em 3 anos
Razão e Sensibilidade	Saltram House, Inglaterra	39% de aumento
Nas Montanhas dos Gorilas	Ruanda	20% de aumento em 1998

Fonte: Tabela adaptada, BRASIL, 2007, p. 11.

Não só com paisagens naturais e cenários que foram mostrados em filmes que um destino pode atrair turistas que apreciam o cinema. Há festivais de cinema, tour por grandes estúdios, ou até a própria sala de cinema pode também se tornar o atrativo e motivo de visita. A tabela a seguir mostra outras formas e características do turismo cinematográfico:

Forma	Característica	Exemplo
Turismo cinematográfico como motivador primário da viagem	O local do filme já é uma própria atração, forte o suficiente para motivar viagens.	Ilha de Mull (do seriado inglês Balamory)
Turismo cinematográfico de celebridades	Casas de celebridades; locações de filme que assumem status de celebridade.	Hollywood
Turismo cinematográfico nostálgico	Visitação a locações que representam outra época.	Heartbeat (Década de 1960)
Turismo cinematográfico construindo atrativos	Um atrativo construído depois das filmagens, simplesmente para atrair turistas.	O Senhor dos Anéis (2001- 2003)

Festivais de cinema	Cidades costumam organizar festivais de filmes que atraem turistas e fãs.	Cannes, França Festival de Cinema de Gramado, Brasil
Tour pelos estúdios	Tour pelos estúdios de cinema, onde o processo da filmagem pode ser visto.	Estúdio Paramount

Fonte: BEETON, 2005, p. 10-11.

No Festival de Cinema de Gramado por exemplo, no Rio Grande do Sul, segundo a Secretaria de Turismo de Gramado, 300 mil turistas circulam pela cidade durante a realização do festival, sendo ele um dos principais eventos e instrumentos de promoção e divulgação da cidade.

Há também salas de cinema que viram o próprio atrativo. Cinema sobre a água, no telhado ou um mini cinema móvel são alguns exemplos:



Imagem: The Archipelago Cinema – situado na ilha de Yao Niu, na Tailândia.



Imagem: Rooftop Cinema – situado no terraço de um edifício em Melbourne, na Austrália.



Imagem: Sol Cinema – um cinema com apenas oito lugares, móvel e movido a energia solar.

Localizado no interior do Reino Unido.

Fonte: <http://www.totalfilm.com/features/30-best-movie-cinemas-around-the-world>

Esses são diversos exemplos de que o cinema e o turismo de experiência andam lado a lado. São turistas e moradores locais que sentem, se emocionam e se divertem com o cinema e buscam essas mesmas experiências nos lugares ao seu redor. Seja visitando locações de filmes, festivais de cinema ou salas de cinema exóticas, essas pessoas experimentam e vivenciam o que o cinema pode proporcionar a elas.

2 – BRASÍLIA

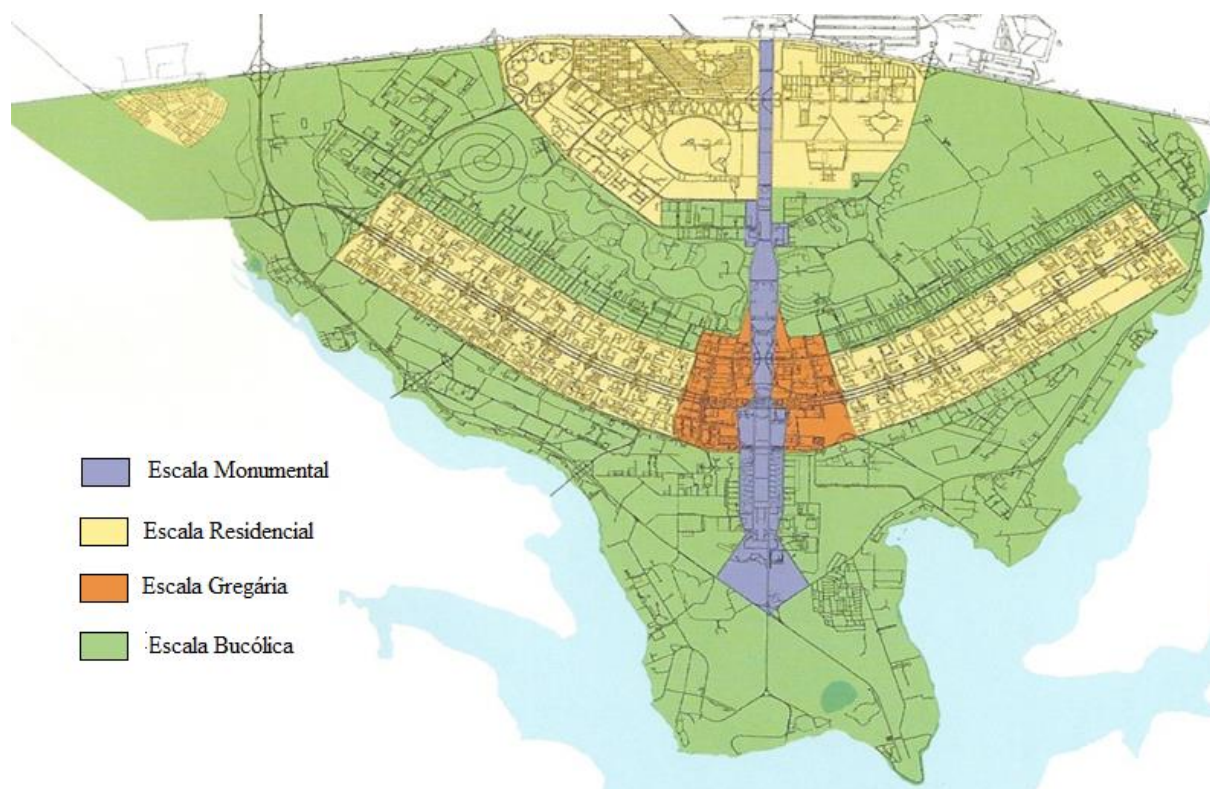
Lúcio Costa foi um dos precursores da arquitetura moderna no Brasil, sendo o Plano Piloto de Brasília um dos seus projetos mais reconhecidos mundialmente. Baseado na Carta de Atenas, um manifesto urbanístico datado de 1933, que traçou diversas fórmulas e discutiu vários aspectos da arquitetura contemporânea, o Plano Piloto foi pensado e concebido de uma forma que atendesse satisfatoriamente as necessidades básicas dos moradores locais. Na Carta de Atenas, quatro aspectos básicos de uma cidade foram abordados: a habitação, o trabalho, a diversão e a circulação, sempre com a intenção de fazer com que o habitante tenha uma relação harmoniosa com a cidade, tendo contato com sua paisagem natural. Em Brasília, as avenidas sem cruzamentos e esquinas, a livre área de circulação entre os prédios residenciais graças aos pilotis, a grande presença de parques e áreas verdes e a divisão entre a área governamental, residencial e de diversão são exemplos da influência que a Carta de Atenas teve no planejamento da cidade e da intenção que Lúcio Costa tinha, como se pode ver no projeto urbanístico do Plano Piloto de Brasília, da cidade ter um caráter monumental:

Monumental não no sentido de ostentação, mas no sentido da expressão palpável, por assim dizer, consciente, daquilo que vale e significa. Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país. (COSTA, L.1957, s.p.)

A intenção era desassociar a imagem somente política e governamental de Brasília, dando também à cidade uma vitalidade própria, em que os habitantes se

inspirariam e experimentariam a cidade, através das suas extensas áreas bucólicas, propícias à fomentação cultural, se bem aproveitada.

Essa divisão entre as áreas residenciais, de lazer e de trabalho são divididas e explicadas posteriormente por Lúcio Costa pelas quatro “escalas” da cidade: a monumental, a gregária, a residencial e a bucólica, cada uma com sua função específica.



Fonte: <http://mdc.arq.br/>

Na escala monumental, situada no Eixo Monumental, se concentram as sedes das divisões do governo, como o Palácio do Planalto, o Palácio do Itamaraty, e o Congresso Nacional, assim como algumas das obras de Oscar Niemeyer, que representam a expressão arquitetônica moderna brasileira, como a Catedral, O Museu Nacional e o Teatro Nacional. A escala gregária é destinada às atividades de trabalho e comércio, e onde se concentram os setores bancários, comerciais, médico-hospitalar, de diversões e cultura, hoteleiro, etc.

A imagem mostrada de Brasília pelas empresas de turismo, assim como a que se passa na mídia, se concentra toda na escala monumental, fazendo com que turistas que cheguem na cidade visitem apenas o que eles sabem que existe, deixando de lado diversos outros atrativos e eventos culturais e de lazer, apenas

pelo fato de não os conhecerem. O fato do setor hoteleiro se concentrar na escala monumental, sendo próximo dos monumentos mostrados e vendidos pela mídia, reforça e facilita esse fato. Muitos turistas passam dias na cidade, mas ficam somente na escala gregária e monumental.

As outras duas escalas, a residencial e a bucólica possuem o papel de “humanizar” a cidade, com espaços de convivência como cinemas, clubes, centros culturais, parques, etc.

Na escala bucólica, a principal característica são as áreas verdes e livres. As árvores substituem as cercas e muros que poderiam estar presentes pela cidade. Os pilotis permitem a livre circulação das pessoas, moradoras ou não daquele lugar. Entre as superquadras podemos ver grandes espaços livres, destinados às atividades lúdicas, em que os moradores a ocupam como quiserem: praticando esportes, realizando piqueniques, levando seus animais de estimação para passear, ou simplesmente caminhando por esses espaços. O desejo de Lúcio Costa de fazer de Brasília uma cidade-parque é realizado graças aos espaços bucólicos.

A escala residencial, disposta entre os 12km da Asa Sul e Asa Norte traz consigo a proposta das superquadras, uma forma inovadora e um novo conceito de morar. Além do predomínio do verde, é característica a continuidade espacial graças ao uso contínuo dos pilotis, fazendo do solo um espaço público. O morador pertence à quadra, mas a quadra não pertence ao morador. Há também a questão da limitação da altura dos prédios, que não podem passar dos 6 andares, o que permite uma visão sempre ampla e contínua do horizonte. Um outro conceito nessa escala é o de unidade de vizinhança, que seria o conjunto de quatro superquadras e que teriam as infraestruturas e serviços necessários para os habitantes da mesma. Hoje, só as quadras 107, 108, 307 e 308 da Asa Sul formam uma unidade de vizinhança. Nela, pode-se encontrar a Capela Nossa Senhora de Fátima, conhecida pelos seus azulejos do Athos Bulcão; a Escola Parque, onde são dadas aulas e praticados exercícios culturais como tapeçaria, coral, flauta, desenho e esportes em geral para os alunos das escolas públicas da cidade; a Escola Classe, cuja ideia era com que os próprios moradores das quadras frequentassem essa escola; o Clube Vizinhança, que foi projetado para uso dos moradores da quadra; e também o Cine Brasília, com seus diversos festivais e mostras de cinema.

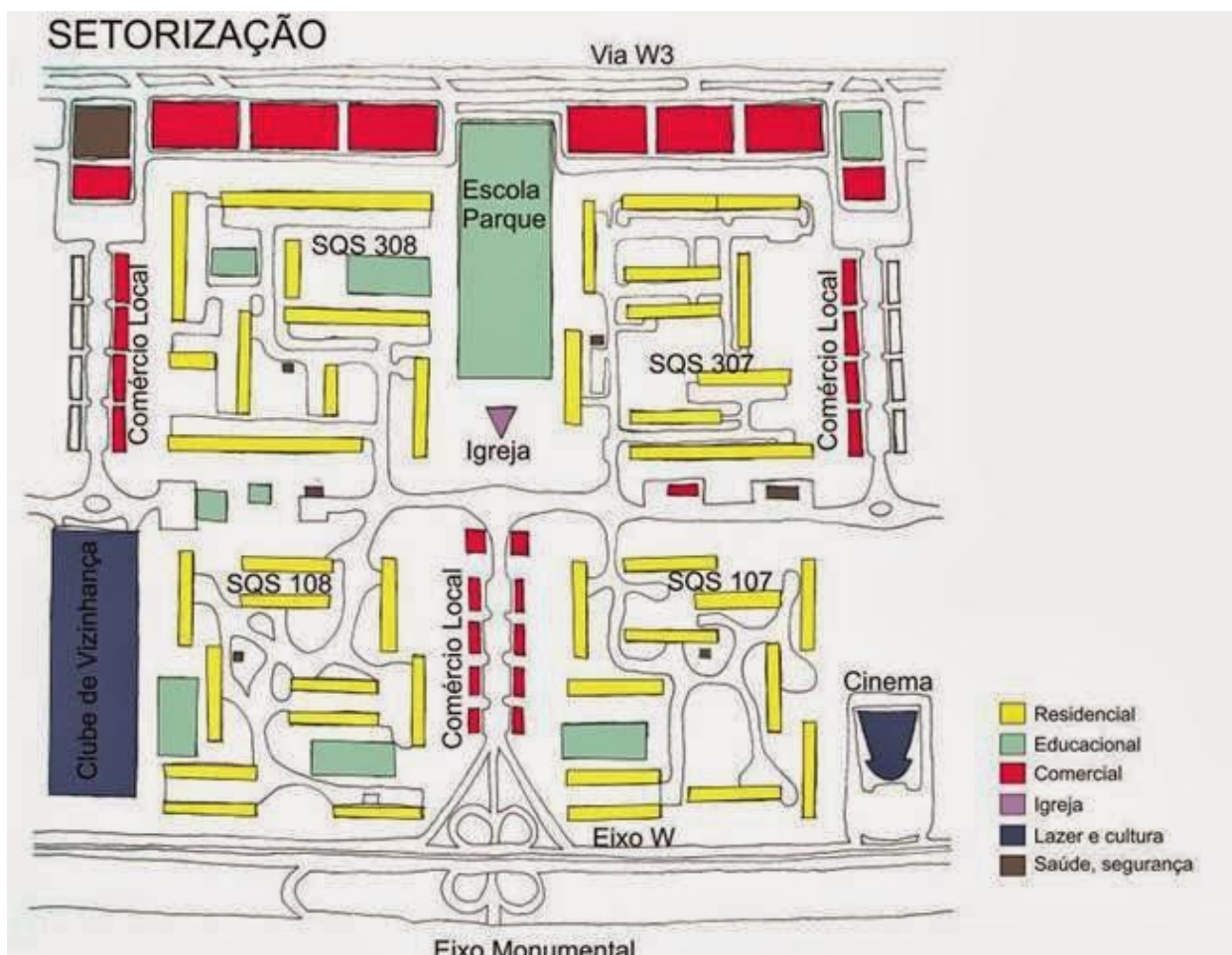


Imagem: Modelo da Unidade de Vizinhança Fonte: <http://www.gamalivre.com.br/>

A ideia das unidades de vizinhança era que se tivesse a comunhão entre os vizinhos, que deveriam fazer uso desse espaço destinado preferencialmente a eles. Mas o cenário atual é diferente do que foi planejado. O Clube Vizinhança não é de acesso livre aos moradores, tendo que ser sócio para utilizar dos seus serviços. As escolas, classes e parques não só dessas quadras, mas como da cidade toda são utilizadas em grande parte pela comunidade mais carente e afastada do centro de Brasília. O Cine Brasília, que recebe frequentemente festivais e mostras gratuitas ou com preços populares, ainda é desconhecido por uma boa parte da população. Para atrair a atenção dos turistas e dos próprios moradores de Brasília para além da imagem dos cartões postais e permitir uma conexão do espaço e do corpo, é necessário que esses espaços culturais, assim como seus eventos sejam divulgados e acessíveis para que a população local possa explorar e conhecer melhor sua própria cidade, dando novos significados a ela.

Diversas iniciativas em Brasília visam a utilização e o aproveitamento da área bucólica através de eventos dos mais diversos tipos. Como planejado por Lúcio Costa, a área bucólica tem que ser usada pelos moradores para um melhor usufruto da cidade, e através de eventos ao ar livre, surge essa oportunidade de interação com a cidade. A sociedade se realiza no espaço e a partir dela é que se pode compreendê-lo, ensina Milton Santos (2009). A quantidade e variedade de eventos ao ar livre e gratuitos tem se popularizado consideravelmente nos últimos anos em Brasília, atraindo um grande número de frequentadores, entre moradores e turistas, que graças à esses eventos, acabam se conectando aos espaços públicos da cidade, planejados exatamente para isso. Nesses eventos, há uma grande diversidade de opções de lazer e entretenimento, para todas as idades e gostos. Podemos citar o Picnik, que é um evento que surgiu há três anos e que sempre acontece gratuitamente em áreas públicas da cidade. Oferece entre suas atividades: yoga, meditação, workshops, teatro, música e também contém várias estantes de vendas dos mais variados produtos, desde roupas e calçados, à revistas em quadrinhos e pinturas. Chega a reunir 10 mil pessoas em uma edição, e já se realizou em diferentes espaços públicos como a Orla do Lago, o Jardim Botânico, o Centro Cultural Banco do Brasil e a Ermida Dom Bosco. O Céu com Cinema é outro evento presente na cidade, um festival gratuito de filmes ao ar livre, que na sua primeira edição ocupou o gramado da Superquadra 207 Norte, com o espectador podendo até escolher por meio de uma enquete o filme que ele deseja assistir. Na ocasião do aniversário de Brasília, aconteceu também o Retrato Brasília, durante dois dias, no Centro Cultural Banco do Brasil e no Cine Brasília, contendo diversas atrações como workshops de dança de rua, skate, oficinas de animação, projeções de filmes, arte urbana, empréstimo gratuito de bicicletas, realização de rotas turísticas, foodtrucks e diversas outras atividades. Outros eventos também inusitados e diferentes acontecem nos espaços da cidade, como por exemplo a “corrida de cadeiras de escritórios”, que aconteceu em dezembro de 2014, no Eixão Norte.

Eventos novos, diferentes, em fase de experimentação, ou que já estão ganhando o reconhecimento da população estão se consolidando pelos espaços públicos da cidade, se tornando realidade e atraindo cada vez mais adeptos.



Céu com Cinema. Fernanda Ferreira (2014);



Corrida de cadeiras. Joana Franca (2014)



Retrato Brasília. Marcus Senise (2015)



Oficina de animação durante o Retrato Brasília
Marcus Senise (2015)



Retrato Brasília. Marcus Senise (2015)

Moradores e turistas querem usufruir de espaços que antes eram ignorados e desconhecidos, procurando variedade de atividades culturais, opções de entretenimento, de lazer e de ócio. Quando uma das edições do Picnik se realizou no Jardim Botânico, que era pouco utilizado e desconhecido por grande parte dos moradores de Brasília, o número de visitantes no lugar aumentou consideravelmente, segundo Julia Hormann¹, co-criadora do Picnik.

Samara Lima², moradora do Guará, que já participou de aproximadamente cinco edições do Picnik, tinha ido somente uma vez ao Jardim Botânico antes dessa edição. Satisfeita com o espaço amplo do lugar, que permitia uma boa circulação entre as pessoas, além dos quiosques terem ficado muito bem distribuídos, ela elogiou a escolha do Jardim Botânico, que segundo ela é um lugar muito bonito e agradável, e que deveria ser mais freqüentado pelos moradores de Brasília. Isso mostra a redescoberta de novos lugares na cidade, que são pouco visitados e que permitem uma relação corpo-espaço fora da rotina habitual dos brasilienses.

¹ Relato retirado do site <http://projetodraft.com/picnik-mostra-a-forca-da-economia-criativa-de-brasilia/>
Acesso em: 23/11/2015

² Relato feito em: 24/11/2015

Além da descoberta e da experimentação desses espaços através desses eventos, não são só os moradores e turistas que se beneficiam com isso.

Os comerciantes locais possuem uma ótima oportunidade de mostrar seus produtos, seu trabalho, e lucrar com isso, gerando assim toda uma movimentação da economia local. Para Ulhôa e Dias (2012, p. 150):

Ao examinarmos o papel da cultura exercida na cidade, é possível constatar que uma cidade com vida cultural vibrante e criativa e capaz de aceitar as múltiplas diversidades culturais atrai para si tanto trabalhadores do conhecimento como visitantes que se interessam por atividades culturais. A cidade que oferece seus espaços para atividades culturais torna-se um atrativo para as pessoas.

A identidade não só dos moradores, mas também da própria cidade é formada através das suas atividades culturais. Quando um evento cultural é planejado e criado, é atraído para aquele evento o seu público-alvo, que se identifica com a proposta e objetivo do evento. A partir daí, se vê a importância da variedade de eventos e propostas culturais, a fim de abranger todos os moradores, com seus variados gostos e preferências, independente da classe social ou região em que se habita. É isso que o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro tem feito em suas últimas edições, com sua programação estendida aos espaços públicos das cidades-satélites de Brasília como o Teatro da Praça em Taguatinga, o Teatro de Sobradinho, o Colégio do Gama, o Sesc da Ceilândia, entre outros.

Assim, o sentimento de pertencimento ao lugar é propagado para todos, sem exclusões. Gastal (2002, p. 76-77) cita a importância do bem cultural como formação da memória do lugar:

É a memória do lugar que fica registrada na música, nos versos dos poetas[...]. As diferentes memórias estão presentes no tecido urbano, transformando espaços em lugares únicos e com forte apelo afetivo para quem neles vive ou para quem os visitam. Lugares que não apenas têm memória, mas que para grupos significativos da sociedade, transformam-se em verdadeiros lugares de memória.

Em Brasília, grande parte dos eventos culturais, festivais de cinema e peças de teatro por exemplo, acontecem apenas no Plano Piloto, o que acaba excluindo e impossibilitando o acesso dos moradores das cidades-satélites, que muitas vezes não freqüentam esses espaços e eventos pela distância, preço, ou até mesmo impossibilidade de acesso por falta de transporte público adequado.

Problemas esses presentes na fala de Pablo Cunha¹, morador de Planaltina, que sempre que pode, costuma freqüentar shows, cinemas e teatros no Plano Piloto. Pablo diz que em Planaltina não há espaços de entretenimento até hoje, como teatro ou cinema. Somente bares e música ao vivo. Também não há fomento por parte do governo para desenvolvimento dos mesmos, o que força as pessoas ou a não frequentarem espaços culturais, ou a terem que se deslocar para o Plano Piloto para ver algum espetáculo cultural. A maior dificuldade quando há eventos no Plano Piloto para ele, é o valor dos ingressos cobrados e os horários dos ônibus, que não são compatíveis com o término dos eventos culturais. A opção que Pablo encontra é dormir na casa de algum amigo até as primeiras linhas de ônibus começarem a circular.

Tanto o governo quanto produtores de eventos devem focar nesses problemas, incluindo essas pessoas, seja estendendo o horário dos ônibus e do metrô, diminuindo o preço dos ingressos, ou oferecendo ônibus gratuitos para terminais de ônibus, quando o local do evento é afastado.

O “sentimento de pertencer àquilo que nos pertence”, como disse Milton Santos (2006, p.14), é a identificação com o espaço ao redor, com a cidade. E Brasília ainda sofre com inúmeras dificuldades no seu aspecto cultural. A falta de espaços para artistas locais; o fechamento de outros espaços que costumavam ser centros culturais e de diversão para os moradores, como por exemplo o Espaço Cultural Renato Russo na 508 sul, o Teatro Nacional Claudio Santoro e a Concha Acústica, no Setor de Hotéis e Turismo Norte; a falta de investimento e incentivo por parte do governo, entre outros, se reflete na educação cultural da população.

¹ Relato feito em: 24/11/2015

Uma pesquisa¹ realizada pela Codeplan (Companhia de Planejamento do Distrito Federal) no ano de 2013 mostra resultados preocupantes no aspecto cultural dos moradores do Distrito Federal: 86,74% dos brasilienses não costumam frequentar um teatro; 92,57% não frequentam museus; 63,54% não possuem o hábito da leitura; 90,98% não frequentam uma biblioteca e 58,98% não costumam ir ao cinema. Os números ficam ainda piores nas cidades satélites de Brasília. Na Fercal por exemplo, 82,95% dos moradores nunca abriram um livro.

Brasília, que era reconhecida e se orgulhava por ter sido um berço cultural no ramo da música por exemplo, chegando a ser considerada a “capital do rock” nos anos 80, onde algumas das mais importantes bandas de rock que o Brasil já teve nasceram como Capital Inicial, Plebe Rude e Legião Urbana, hoje luta contra o fechamento de espaços artísticos, a falta de incentivo do governo e a desvalorização cultural.

Indo contra essa cena, festivais tradicionais da cidade, como o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, e também eventos de cinema independentes são feitos por pessoas que enxergam o potencial e a necessidade dos habitantes do Distrito Federal de absorver cultura, se divertir e se identificar cada vez mais com a cidade e com o que acontece na cidade, passando de um mero espectador para um habitante que vivencia aquilo que o rodeia.

¹ A Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD/DF é um instrumento do planejamento nas ações e tomadas de decisões governamentais. Foi realizada em 2013 em um esquema de amostragem, tendo como base o Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos - CNEFE do IBGE e adotou-se a amostragem aleatória estratificada para as 31 regiões administrativas do Distrito Federal. Foram pesquisadas um número aproximado de 2.786.683 pessoas, divididas pelas 31 regiões administrativas do Distrito Federal. Apoiados em resultados de pesquisas desse mesmo porte, com a mesma finalidade, pode-se prever um erro de 0,60%, com 95% de grau de confiança, para os resultados do Distrito Federal. Resultado da pesquisa completo disponível em: http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa_socioeconomica/pdad/2013/Pesquisa%20PDAD-DF%202013.pdf Acesso em: 23/11/2015

3- BRASÍLIA E O CINEMA

Desde a criação de Brasília em 1960, a cidade sempre esteve no foco das câmeras por ter sido a cidade vinda de um sonho, a cidade planejada, com seus edifícios curvos e diferentes, por possuir o maior acervo da arquitetura moderna do mundo, entre outros. Essa paisagem e arquitetura única de Brasília sempre atraíram a atenção de diversas emissoras de televisão, marcas nacionais e internacionais, cineastas e etc, que usaram o plano de fundo da cidade para suas produções cinematográficas, seja para gravar documentários, filmes ou propagandas.

Segundo a cartilha “Destino Referência em Turismo Cinematográfico: Brasília – DF (MTUR, 2009), o Turismo Cinematográfico em Brasília procura promover a cidade como espaço de locação para produções audiovisuais, levando os visitantes a conhecer os lugares onde foram filmadas essas diversas produções, que divulgam a imagem da cidade, mostrando sua paisagem e cultura.

Além das produções cinematográficas gravadas na cidade, a relação de Brasília com o cinema vem também de muitos outros aspectos, como veremos nesse capítulo.

Brasília é a sede do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, o mais antigo e um dos mais tradicionais do país. Temos também o último Cine Drive-In em funcionamento no Brasil. Diversas mostras e eventos cinematográficos também acontecem na cidade, muitos gratuitos ou a preços populares para toda a população. A cidade possui também até um bar temático de cinema, o Paradiso Cine Bar, localizado na 306 sul, cujo cardápio inclui drinks e pratos inspirados e batizados com nomes de filmes e personagens que marcaram a história do cinema.



Imagem: Paradiso Cine Bar, bar temático de cinema localizado na 306 sul. Fonte:
<http://paradisobar.com.br/>

Alguns outros eventos foram importantes para Brasília se consolidar como capital cinematográfica como por exemplo a vinda do cineasta Paulo Emílio Salles Gomes, que foi um dos criadores do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro; a presença do Cinema Novo, com alguns cineastas se inspirando na arquitetura moderna da cidade; e a criação do curso de cinema na Universidade de Brasília em 1963, o primeiro do país a nível de graduação, que incentivou e proporcionou uma nova geração de diretores na cidade.

Com o gosto dos brasilienses crescendo pela chamada sétima arte; por toda a tradição da cidade com o cinema; por possuir um conjunto paisagístico e arquitetônico diferenciado; ser a capital de um dos principais pólos produtores de cinema do Brasil; ser sede dos três poderes nacionais e abranger representantes de vários países no mundo, Brasília foi contemplada pelo Ministério do Turismo para ser um Destino Referência em Turismo Cinematográfico do país. Esse projeto chamado Destinos Referência, teve como principais objetivos:

- Um planejamento estratégico para o destino, com foco no Segmento de Turismo Cinematográfico.
- Formação de um arranjo institucional local envolvendo o setor público, a iniciativa privada e o terceiro setor, ligado ao turismo e à produção audiovisual.
- Criação e lançamento da *Brasília Film Commission*.

3.1 - BRASÍLIA FILM COMMISSION

As Film Commissions são entidades de caráter público e/ou privado, existentes em todo o mundo, com objetivo de divulgarem as potencialidades de uma determinada região com o propósito de conseguir para esta localidade a realização de produções audiovisuais.

Cabe também às Film Commissions oferecer o atendimento aos produtores com a estrutura e logística necessária para a gravação, e realizar a interface com o poder público, para facilitar as filmagens.

Bignami (2002, p. 19) já defendia que a imagem passada de um destino através da literatura, televisão e cinema seriam fontes de informações que definiriam a imagem de um destino turístico, sendo que muitos desses lugares passariam a ser visitados após serem vistos e conhecidos por esses meios.

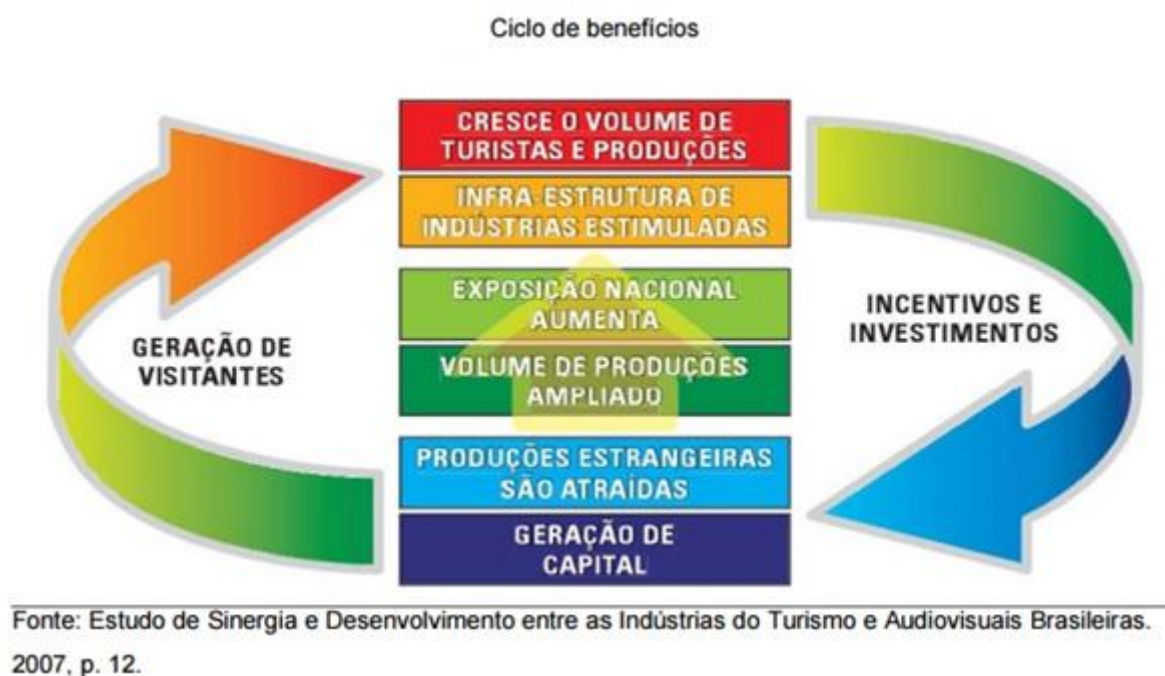
Assim foi criada e lançada a Brasília Film Commission, feita pelo Ministério do Turismo junto com o Instituto Dharma, uma entidade público-privada, para promoção da região como destino privilegiado de produções audiovisuais transnacionais.

Além da visível vantagem para o turismo de ter a cidade mostrada em produções audiovisuais para o mundo todo, toda a cadeia produtiva do turismo também se beneficia por meio dessas produções.

Durante uma filmagem, há um grande movimento de atividades realizadas nos bastidores. Por vezes, até 60% do orçamento de uma filmagem pode ser investido na contratação de serviços locais como hospedagem, alimentação e logística de toda equipe e elenco. Segundo a Cartilha do Turismo Cinematográfico Brasileiro (2008): “um longa-metragem internacional, por exemplo, gasta, em média entre cem e duzentos mil dólares por dia na região onde está sendo filmado, podendo levar até três meses para ser produzido”.

Segundo a cartilha, uma produção audiovisual emprega diretamente uma média de 75 pessoas entre técnicos, atores e figurantes, e cerca de 500 indiretamente, muitos desses contratados no próprio lugar da filmagem, como maquiadores, costureiros, pintores, cozinheiros, artistas gráficos, entre outros, além também da contratação de serviços e produtos locais que envolvem objetos de decoração, tecidos, material de construção, objetos para composição de sets de filmagem e figurino dos atores, entre outros.

A figura a seguir mostra um ciclo de benefícios e a relação entre incentivos e investimentos do setor cinematográfico com o aumento da geração de visitantes. A partir do momento que um lugar é escolhido para gravação de alguma produção audiovisual, a geração de capital e atração de produções estrangeiras são conseqüências diretas. Com mais capital e novas produções, o volume de obras audiovisuais e conseqüentemente a exposição mundo afora também aumenta proporcionalmente. Com uma estrutura satisfatória, que comporte e forneça serviços essenciais aos visitantes e também às produções, o número de turistas e gravações na região tende a crescer, assim como a infra-estrutura necessária tende a melhorar e se adaptar a essa nova demanda de turistas.



A criação do Brasília Film Commission foi um importante passo para o reconhecimento da importância do setor cinematográfico em Brasília e no fortalecimento dos grupos locais e no estímulo à criação de outras entidades do setor.

Brasília possui um grande potencial para o setor, mas isso não é o suficiente. É primordial investir no segmento e criar condições técnicas e jurídicas favoráveis para as produções cinematográficas poderem ser gravadas em Brasília. Para melhor preparação do destino para se tornar referência no Turismo Cinematográfico, o

Ministério do Turismo em parceria com o Governo do Distrito Federal (2009) citou algumas ferramentas estratégicas essenciais para isso acontecer. São elas:

- Criação de Film Commissions ou Birôs Audiovisuais, que centralizam as informações sobre filmagens em uma região e têm como objetivo promover o potencial da região e facilitar o trabalho dos produtores. Um trabalho integrado entre o Convention Bureau e a Film Commission pode criar uma sinergia muito forte para a atração de produções e para a promoção do destino;
- Produção de um Guia de Locações, impresso e virtual, com a oferta de cenários urbanos e naturais com potencial de locação;
- Criação de um Guia de Produção, listando serviços locais importantes para o segmento: produtoras, locadoras de equipamentos, laboratórios, estúdios e profissionais da área. Também devem ser listados serviços turísticos e outros serviços de apoio às produções;
- Criação e manutenção de website com informações atualizadas sobre as locações, produções e serviços;
- Promoção do destino e seu potencial para o Turismo Cinematográfico em revistas, sites, feiras e eventos, além de convite a formadores de opinião, jornalistas, operadoras de turismo e pessoas influentes para olhar o destino com os olhos do audiovisual;
- Integração com outras iniciativas e instituições relacionadas ao turismo e ao audiovisual.

3.2 - PRODUÇÕES EM BRASÍLIA

Desde quando Juscelino Kubitschek anunciou o começo da fundação da cidade, em outubro de 1956, diversos cinegrafistas e anônimos focaram suas câmeras na construção da cidade.

A partir de então, diversas filmagens, curtas e longas metragens, documentários e propagandas foram feitas em Brasília, usando a cidade como cenário principal ou coadjuvante de suas produções.

Apenas 4 anos após a inauguração da cidade, Brasília já foi cenário de filmes internacionais como por exemplo o filme do cineasta francês Philippe de Broca, *O Homem do Rio*, que mostrou para o mundo imagens de uma cidade ainda cheia de poeira, com prédios inacabados e em plena construção.



Imagem: Cenas do filme *O Homem do Rio*, gravado em 1964. Fonte: <http://www.correiobrasiliense.com.br/>

Três anos mais tarde, em 1967 foi gravado um dos primeiros documentários sobre a cidade: “Brasília: contradições de uma cidade nova” feita pelo cineasta Joaquim Pedro de Andrade, e que questionava e destacava a incoerência entre o projeto arquitetônico e urbanístico da cidade e a realidade prática da cidade, mostrando a distância existente entre a proposta ideológica da cidade e os habitantes que ali moravam, questões estas recorrentes até os dias atuais.

Em 1993, foi inaugurado o Pólo de Cinema e Vídeo Grande Otelo, um espaço de filmagem e produção de filmes que passou a ter uma enorme importância para o crescimento do cinema brasileiro. O Pólo, localizado em Sobradinho, possui um estúdio de 600m² e conta com camarins e uma sede administrativa capaz de abrigar até duas produções de médio porte. O Pólo também destina recursos para o financiamento de produções cinematográficas, fato esse que proporcionou um *boom* de produção, incentivo e criatividade ao cinema de Brasília, que se tornou em 2004

o terceiro maior pólo produtor de cinema do país, atrás apenas do Rio de Janeiro e São Paulo.

Nos primeiros dez anos de existência, o Pólo contabilizou aproximadamente um número de 80 títulos de filmes produzidos ali, feitos por diretores estreantes, consagrados e produções de diversas partes do Brasil, sempre contando com o apoio, patrocínio ou financiamento do Pólo, que também oferecia diversas oficinas e cursos sobre roteiros, montagens, maquiagens, efeitos especiais, fotografia, som, edição e outros segmentos do cinema.

Outro grande incentivador do cinema brasileiro foi o Fundo de Apoio à Cultura- FAC, o principal instrumento de fomento às atividades artísticas e culturais da Secretaria de Cultura do DF, oferecendo apoio financeiro a diversos tipos de projetos locais como filmes, peças de teatro, exposições, etc.

Com esses incentivos e apoios, a criação do Brasília Film Commission, somados às características e histórias únicas da cidade, diversos outros documentários, filmes, propagandas e produções continuam sendo gravadas em Brasília até hoje, mostrando seu cenário diferenciado para o mundo. A seguir alguns exemplos dessas gravações:



Fonte: <http://www.metropoles.com/>

Brasília foi cenário para a propaganda do perfume Flower, da perfumaria Kenzo. Na propaganda, flores vermelhas brotam do mármore do Congresso Nacional e flutuam pelas rampas do Museu da República.

“Era necessário encontrar uma cidade com poesia e dimensões femininas. Uma dimensão sensual. Existe uma cidade que se encaixa exatamente nessa proposta e é Brasília. Na arquitetura de Niemeyer existe algo extremamente humano e vivo. Há poesia, um tipo de poesia visual”, explicou o diretor da campanha Patrick Guedj¹

O renomado diretor Fernando Meirelles usou o cenário da cidade na sua minissérie “Felizes para Sempre”. As gravações foram feitas em diversos cenários como a Esplanada dos Ministérios, Universidade de Brasília e até nos arredores do Distrito Federal, como o Vale da Lua, em Alto Paraíso de Goiás. Também foi explorado características da arquitetura de Brasília, como os cobogós.



Fonte: www.pinterest.com

¹ GUEDJ, Patrick. Brasília é o cenário da próxima campanha do perfume Flower by Kenzo.09/09. Entrevista concedida ao site <http://www.metropoles.com/>

A história musical da cidade, berço de grandes bandas de rock do cenário brasileiro como por exemplo Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude, também foi tema de várias produções cinematográficas como nos filmes “Faroeste Caboclo” de René Sampaio, “Somos tão jovens” de Antonio Carlos da Fontoura, ou o documentário “Rock Brasília – Era de Ouro” de Vladmir Carvalho.



Cena do filme “Somos tão Jovens” – Fonte: revistacult.uol.com.br



Cena do filme “Faroeste Caboclo” – Fonte: www.adorocinema.com

O Cine Drive-in, o último em funcionamento no Brasil, também virou tema no filme “O Último Cine Drive-in”, dirigido por Iberê Carvalho e ganhador de quatro prêmios na 43ª edição do Festival de Cinema de Gramado, realizado em 2015: melhor ator, melhor atriz coadjuvante, melhor direção de arte e o prêmio da crítica de melhor longa-metragem nacional.



Fonte: www.deolhonailha.com.br

Com essas produções, Brasília é divulgada nas telas de televisão e cinema pelo Brasil e pelo mundo, mostrando não só seus conhecidos monumentos, mas também seus outros atrativos, sua história, cultura e paisagens naturais, ainda desconhecidas pela grande maioria das pessoas.

3.3 - ESPAÇOS DE CINEMA

Brasília, já chamada por algumas pessoas de “capital dos cinéfilos” ou “capital do cinema brasileiro”, possui um dos maiores índices de frequência entre a

população das capitais brasileiras, com um percentual de 20%, segundo dados da cartilha Cultura em Números (2010, Ministério da Cultura).

Segundo a última edição do Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro (2013, Agência Nacional de Cinema), em 2013 o Distrito Federal possuía 81 salas de cinema, ou seja 3% do total de salas de cinema no Brasil, que possui um total de 2.678 salas de exibição comercial.

E a história das salas de exibição de cinema na capital federal data desde a época de sua construção. Ainda no período das obras de construção da cidade, entre 1958 e 1960, já havia três espaços de cinema na cidade: o Cine Bandeirante, na Cidade Livre (hoje Núcleo Bandeirante), o Cine Cultura, que era localizado na W3 sul, e o Cine Brasília, o único dos três ainda em atividade.



Imagem: Construção do Cine Brasília. Mário Fontenelle (1957-1960)

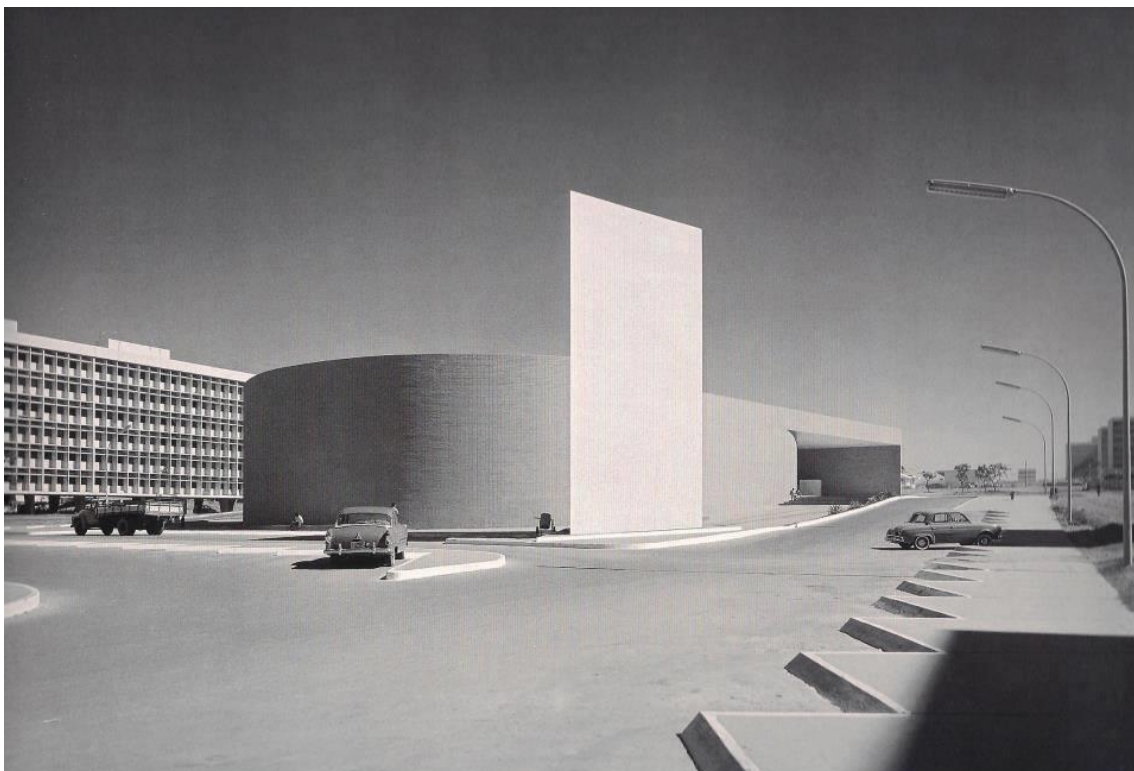


Imagem: Cine Brasília na década de 60. Fonte: Arquivo Público do DF

Também em 1960, na Cidade Livre, por um ano, se fez presente o “cinema móvel”: um caminhão cujo cinema funcionava em cima dele, com um projetor movido a gasolina. Era também chamado de Cine Grátis, e possuía seus custos pagos graças aos anúncios entre os intervalos de exibição, os quais até o então presidente Juscelino Kubitschek utilizou para propaganda eleitoral.

Desde então, inúmeras salas de cinema em Brasília abriram e fecharam seu espaço, e poucas conseguiram se manter até os dias atuais. Um grande exemplo de resistência ao tempo é o Cine Drive-In.

Na década de 40 no Brasil, havia cerca de 1500 cine drive-ins em funcionamento pelo país. O de Brasília foi fundado em 1973, e atualmente é o último remanescente dessa época. Apesar de ser o maior cinema ao ar livre do país, com a maior tela de projeção cinematográfica (uma tela de concreto de 312 metros quadrados), ainda não é regularizado pelo governo, sendo essa uma luta recorrente da dona Marta Fagundes, que já resistiu a diversas tentativas de fechamento do espaço.

O Cine Drive-in mantém a tradição de poder assistir à um filme dentro de um carro, com toques de modernidade – sua projeção é feita com lanterna neon e o som do filme pode ser escutado pela rádio graças a uma torre de som instalada no lugar. Possui capacidade para 500 carros, e se concentra numa área de 15 mil metros quadrados de área asfaltada dentro do autódromo, e certamente já faz parte da história cinematográfica da cidade.



Imagem: Cine Drive-In – Fonte: www.correiobraziliense.com.br

Já outros espaços de cinema que também eram muito freqüentados, não resistiram à pressão e acabaram fechando. É o caso do Cine Atlântida no Conic, do Cine Karin na 110 sul e do Cine Márcia no Conjunto Nacional por exemplo, que foram perdendo espaço com a chegada das inúmeras e crescentes redes de cinema por todo o Distrito Federal.

Porém, nos últimos anos tem crescido o número de festivais, mostras e exhibições de filmes, feitas seja por empresas privadas, seja por iniciativas independentes.

Pode-se citar por exemplo o projeto “Céu com Cinema”, que já contou com duas edições e utiliza o espaço público da cidade para mostrar grandes sucessos do cinema de forma gratuita e acessível para todos. A ideia do projeto surgiu de dois estudantes que queriam ocupar de forma diferente os espaços públicos de Brasília. Com a ajuda de financiamento coletivo e pequenos patrocinadores, a primeira edição conseguiu atrair mais de 4 mil pessoas no gramado da 207 norte, um espaço normalmente vazio e ignorado pelas pessoas que moram ali.

Bruna Nayara¹, moradora do Gama, esteve presente no Céu com Cinema, e contou que o evento a fez lembrar de sua infância, pois quando criança ia muito às sessões de cinema a céu aberto, que aconteciam frequentemente no Gama. Hoje, essas sessões são raras, e a distância para o Plano Piloto é um problema para ela devido ao transporte público. Apesar disso, segundo ela, esse tipo de evento é um ótimo programa para todo tipo de idade. Bruna, que só havia passado pela 207 norte de carro, gostou bastante do espaço do evento, pelo seu tamanho poder suportar muita gente. Ao mesmo tempo que esse relato mostra uma descoberta de lugares desconhecidos pelos moradores dos locais próximos a Brasília, também evidencia a falta de atividades culturais às essas pessoas, que precisam se deslocar até o centro de Brasília para ter acesso ao cinema, teatro, etc.

Outro projeto novo e diferente que merece atenção é o Cineme-se.

O Cineme-se acontece todas as terças-feiras no Club 904, na quadra 904 da Asa Sul, um lugar aconchegante que conta com mesa de sinuca, fliperamas, bar e puffs para maior conforto na hora do filme. Toda semana um cineasta local é convidado para apresentar dois curtas-metragens: um de sua autoria, e outro de sua preferência. Antes e depois dos curtas também há discotecagem de DJ's, sorteios de ingressos para festas, pipoca de graça para os presentes, além do bar que conta com drinks, lanches, etc. A entrada é gratuita.

Guilherme Oliveira², que costuma frequentar o Cineme-se sempre que pode, relata que por ser um evento que acontece na terça feira, onde normalmente as pessoas não possuem muitas opções culturais na cidade, o evento já ganha uma

¹ Relato feito em: 24/11/2015

² Relato feito em: 24/11/2015

importância muito grande, além do fato de ser gratuito, o que possibilita atrair uma maior quantidade de pessoas interessadas. Também acha importante para a cidade pois é um evento que promove e divulga um aspecto da cultura brasiliense, pois a maior parte dos filmes ali mostrados possuem algum envolvimento com a cidade, seja falando sobre a cidade, seja com diretores locais. É um evento que fala sobre a cidade e também ajuda a movimentar a própria cidade. Guilherme também conta que é uma boa oportunidade para conhecer obras que normalmente não teria acesso.

Podemos observar que além de ser um incentivo e uma forma de divulgar os cineastas locais, esses eventos surgem como uma opção aos moradores da cidade, que experimentam o cinema de uma forma diferente e prazerosa, mudando sua rotina e aproveitando melhor os espaços que a cidade oferece.



Imagem: Cineme-se, localizado na 904 sul. Pedro Lacerda (2015)

3.4 - FESTIVAIS DE CINEMA

Mostras e festivais de cinema são um importante meio de divulgação da produção audiovisual nacional e internacional. Muitos cineastas amadores ou novos no mercado do cinema possuem a chance de mostrar suas produções através de festivais, que acabam sendo uma vitrine para os mais diversos tipos de produções cinematográficas.

Além de vantagens para os diretores de cinema, o público também usufrui de várias vantagens em mostras e festivais de cinema. Já que os festivais possuem a função de disseminar a produção audiovisual, muitas mostras são levadas e mostradas em lugares onde o cinema não se faz presente no cotidiano das pessoas, fazendo com que elas vivenciem e comecem a se interessar por cinema, deixando de lado a imagem de que cinema é exclusividade para poucos.

Em Brasília, o primeiro festival de cinema já apareceu na década de 1960, com o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, um dos mais tradicionais e importantes do país.

Devido à presença de diversas embaixadas e institutos de línguas e cultura na cidade, várias mostras são criadas e exibidas por elas, a fim de divulgar a produção cinematográfica de seus respectivos países.

Podemos citar como exemplo o Festival Varilux de Cinema Francês, copatrocinado pela Embaixada da França, e que está presente em 50 cidades do Brasil, já fazendo parte do calendário cultural brasileiro, com edições anuais. Em Brasília, ele acontece desde 2010, sempre exibindo novos filmes da produção francesa, além de debates e oficinas.

Ocorre também anualmente em Brasília o BIFF- Brasília International Film Festival, um festival internacional que na edição de 2015 contará com 5 mostras de produções do mundo todo: Mostra Competitiva de ficção, Mostra Competitiva de documentário, Mundo Animado, Mostra Homenageada Especial e Mostra de Cinema Cubano/Restropectiva Histórica. O Festival Internacional de Cinema de Brasília ocorre desde 2012 e na edição de 2015 contou com um conjunto de 198 filmes inscritos, vindos de 32 países.

Há também espaço para quem gosta dos curtas-metragens. O Festival Curta Brasília, atualmente na sua quarta edição, acontece no Cine Brasília e conta além

da mostra competitiva nacional, uma mostra competitiva de videocliques, mostras paralelas internacionais, mostra infantil, oficinas, debates, intervenções artísticas, Curta-Circuito em cineclubes, CineSolar itinerante (estrutura movida à energia solar), dentre outras atividades.¹

Outra opção é o Festival Internacional de Filmes Curtíssimos, com curtas-metragens de até 3 minutos de duração, e que é realizado simultaneamente em mais de cem cidades do mundo. Acontece gratuitamente no Cine Brasília todo ano e já conta com sua oitava edição. Possui mostras de animação, de produções nacionais e internacionais, além de debates, oficinas e seminários.

Esses são só alguns exemplos de festivais e mostras que já fazem parte do calendário cultural brasiliense, feito para os mais diversos gostos, e que contam com produções nacionais, internacionais, mostras temáticas, animações, curtas e longas metragens, além de debates, seminários e oficinas, sendo assim uma ótima opção tanto para os amantes e conhecedores do cinema, quanto para aqueles que ainda não possuem intimidade com o cinema, e que através dos festivais podem se interessar pelas produções e pela sétima arte.

3.5 - ATORES E DIRETORES BRASILIENSES

Brasília sempre foi conhecida por lançar importantes nomes para a cena artística nacional. Seja com brasilienses natos, ou artistas de fora que se inspiraram na cidade e começaram suas carreiras em Brasília. O principal exemplo que a grande maioria das pessoas associa à imagem de Brasília é na cena musical, pois foi berço de importantes bandas nacionais como Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude.

Mas na área do cinema, do teatro e da televisão, há também nomes já consagrados no cenário nacional e internacional, como veremos a seguir.

Juliano Cazarré é um dos exemplos, pois apesar de ter nascido em Pelotas (RS), cresceu em Brasília, estudou artes cênicas na Universidade de Brasília, e

¹ Retirado do site oficial: <http://www.curtabrasilia.com.br/> Acesso em: 19/10/2015

desde então já participou de diversas séries de televisão, nove novelas e doze filmes, entre eles os filmes *Tropa de Elite* e *Nome Próprio*, este último no qual teve seu papel indicado para o prêmio de melhor ator no Festival de Gramado.

Um outro nome conhecido nas telas de televisão é a do ator Murilo Rosa. Nasceu em Brasília em 1970, cursou artes cênicas na faculdade Dulcina de Moraes, uma das mais renomadas do país. Começou sua carreira em 1994 e já participou de 29 novelas, 13 filmes e 11 peças teatrais, além de 11 prêmios como melhor ator.



Imagem: Participações de Murilo Rosa em novelas da Rede Globo. Fonte: globo.com

Novos atores brasileiros também estão fazendo um grande sucesso nas telas do mundo todo. É o caso da atriz Camila Márdila, criada em Taguatinga, formada em comunicação social pela Universidade de Brasília e que no começo desse ano (2015) recebeu o prêmio de melhor atriz no Festival de Sundance, um dos festivais mais renomados nos Estados Unidos, pelo seu papel no filme *Que horas ela volta?*, desbancando atrizes consagradas internacionalmente como Nicole Kidman. O filme foi o segundo longa-metragem feito na carreira da atriz, e foi o escolhido para representar o Brasil no Oscar de 2016.



Imagem: Camila Márdila com o troféu de Melhor Atriz no Festival de Sundance, em Utah, Estados Unidos. Fonte: <http://www.papodecinema.com.br/>

Também há espaço para os diretores de cinema na capital. O cineasta Adirley Queirós já recebeu o prêmio de melhor longa-metragem da 47ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, realizada em 2014, com seu longa-metragem “Branco sai, preto fica.” Adirley se mudou para Brasília com três anos de idade e usa cenários e histórias da cidade e principalmente da Ceilândia, onde morou, como inspiração para seus filmes, nos quais já recebeu diversos prêmios por eles.

O curta-metragem “Meu Amigo Nietzsche”, do diretor brasileiro Fáuston da Silva foi gravado na Estrutural e já conquistou as telas de cinema internacionais. Foi aclamado em Clermont-Ferrand, tradicional festival francês de curtas-metragens, onde ganhou o prêmio do público e o de melhor comédia da competição.



Imagem: Cena do curta-metragem *Meu Amigo Nietzsche*, do diretor Fáuston da Silva, gravado na Estrutural. Fonte: <http://www.unb.br/>

Um outro nome já bastante conhecido na cidade, apesar de não ser brasiliense, é a do documentarista Vladimir Carvalho, que se mudou para Brasília em 1964, quando tinha 29 anos. A partir de então, tornou-se professor de cinema na Universidade de Brasília, fundou a Associação Brasileira de Documentaristas, ganhou da Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF) o título de Cidadão Honorário de Brasília, e foi o homenageado na abertura do 48º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

Na cidade gravou diversos documentários, por exemplo: “Barra 68 – Sem Perder a Ternura”, que conta um histórico da criação da Universidade de Brasília, a perseguição que sofreu pelo Regime militar em 1964, etc; “Rock Brasília – Era de Ouro”, que traz um panorama sobre as principais bandas de rock surgidas no fim dos anos 70, com a construção cultural e ideológica da capital federal; “Contrerrâneos Velhos de Guerra”, que conta sobre as péssimas condições de trabalho dos candangos, que vieram principalmente do Nordeste para a construção de Brasília, contando sobre a chacina que vitimou um grande número de operários; entre diversos outros documentários tendo como tema a cidade.



Imagem: Vladimir Carvalho. Fonte: catracalivre.com.br

A relação de Brasília com o cinema é de longa data, com já tradicionais festivais e espaços de cinema, cineastas e um público que gosta, admira e experimenta tudo que o cinema brasiliense pode oferecer, mostrando o interesse e o potencial da cidade em atrair a atenção tanto de cinéfilos, turistas ou moradores que buscam experimentar novas sensações através do cinema.

4- FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO

4.1 - HISTÓRICO

O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro (FBCB) definitivamente faz parte da história do Distrito Federal. A tradição e a fama do cinema brasiliense devem-se muito à história do festival. Criado em 1965, cinco anos após a inauguração de Brasília e um ano após o início da ditadura militar no Brasil, o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro já conseguiu o título de patrimônio cultural imaterial do Distrito Federal.

No período de 11 a 22 de novembro de 1965, começava a I Semana do Cinema Brasileiro, com os filmes sendo exibidos em locais como a Escola Parque da 508 sul, o Cine Brasília, a Aliança Francesa e a Casa Thomas Jefferson. Dois anos mais tarde passou a se chamar Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

Na sua primeira edição foram exibidos doze filmes, entre curtas e longas-metragens. Muitas pessoas assistiam às sessões em pé ou sentadas no chão, pois havia superlotação no Cine Brasília, que na época comportava até 1500 pessoas. No filme “O desafio”, de Paulo Cezar Saraceni por exemplo, o público chegou ao incrível número de 3 mil pessoas, o dobro do que a sala comportava.

O FBCB foi criado pelo cineasta, crítico e professor Paulo Emílio Sales Gomes, também fundador do curso de cinema na Universidade de Brasília ao lado de Nelson Pereira dos Santos e Jean-Claude Bernardet. Atualmente (2015) na sua 48ª edição, o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro é o mais antigo e um dos mais tradicionais do Brasil, e símbolo de luta e resistência devido aos inúmeros problemas sofridos, principalmente na época da ditadura militar no país.

Nos anos de 1972, 1973 e 1974 o FBCB chegou a ser cancelado pelo regime militar devido à censura. Das 48 edições do FBCB, quarenta foram realizadas no Cine Brasília, seis no antigo Cine Atlântida, uma no Cine Karin, uma no ParkShopping e uma no Teatro Nacional, durante a reforma do Cine Brasília.

Segundo BAHIA (2013) no seu livro “30 anos de cinema e festival”, o festival nasceu da confluência dos que falavam de cinema na Universidade de Brasília e dos estudantes. Enquanto o curso de cinema perdia força devido ao regime militar (o curso de cinema perdeu todos os seus professores e só foi restabelecido em 1970),

Paulo Emílio organizava a 1ª Semana do Cinema Brasileiro, a fim de integrar a Universidade com a cidade, além da intenção do festival servir como uma forma de mostrar a situação política e cinematográfica para o resto do país, atingindo vários setores da população, não só os amantes e críticos do cinema.

Objetivo este bem sucedido e visível até nas edições mais atuais do Festival, já que o período em que acontece o FBCB é a época que o Cine Brasília fica mais lotado, recebendo estudantes, famílias, amantes do cinema e curiosos.

Lorrayne Colares¹, moradora da Asa Norte e formada em Filosofia, já participou de pelo menos quatro edições do festival. Amante do cinema, ela gosta de assistir ao filme homenageado da mostra, assim como ir nas mostras de curtas nacionais e nas animações. Também cita a importância das atividades paralelas como seminários e debates, apesar de não participar, e comenta que essas atividades poderiam ser mais articuladas com as escolas públicas. Lorrayne é um exemplo da abrangência de público que o festival atinge, atraindo pessoas das mais diferentes áreas.

O público que freqüentava o início do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro era um público diferente do que os festivais de cinema costumavam receber no Rio de Janeiro e em São Paulo por exemplo. Como Paulo Emílio Salles Gomes citou na época:

“Na capital havia um núcleo sólido, estruturado nos cursos de apreciação cinematográfica, mas o número maior de espectadores da Semana se recrutava em setores tradicionalmente indiferentes, desconfiados ou mesmo hostis ao cinema brasileiro” (GOMES, 1965)

É um público que até hoje participa ativamente do Festival, comentando, debatendo, criticando, batendo palmas e vaiando o que é visto na tela do cinema.

Até na concepção dos jurados do festival, Paulo Emilio propôs que este não fosse formado por críticos de cinema, e que não houvesse nenhum especialista de cinema no meio do júri. Na sua primeira edição, o júri era composto por “dois deputados, um arquiteto, um diplomata, um romancista, um violinista, uma professora de teatro, uma jornalista, um poeta, um professor de ginásio, um adido

¹ Relato feito em: 25/11/2015

cultural de Embaixada estrangeira, um homem de empresa e o Secretário de Educação e Cultura de Brasília”. (GOMES, 1982)

4.2 – SOBRE O FESTIVAL

A principal regra que diferencia o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro de outros festivais é a de que os filmes inscritos, sejam curtas ou longas-metragens, devem ser inéditos e preferencialmente não terem sido premiados em qualquer outro festival nacional.

Na primeira edição do festival, apenas um troféu era entregue ao ganhador do melhor filme escolhido por júri, chamado de “Troféu Jabuti”. Até a edição de 1967 não havia premiação em dinheiro. Ao contrário, era pago um valor simbólico para aqueles que cediam seu filme para o festival. Porém, com o sucesso conseguido pelo festival no decorrer dos anos, esse aluguel desapareceu, devido à visibilidade que os filmes mostrados no festival conseguiam. Também na edição de 1967, com a mudança do nome de “Semana do Cinema Brasileiro” para “Festival de Brasília do Cinema Brasileiro”, o nome do troféu também mudou. Passou a se chamar “Troféu Candango”, nome em homenagem aos que ajudaram a construir Brasília, e que perdura até as edições atuais.

O Troféu Candango foi criado por Dino Crocci, um arquiteto da equipe de Oscar Niemeyer, feito sob supervisão do desenhista e artista plástico Willy Melo.



Imagem: Troféu Candango, prêmio máximo do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

Fonte: www.correiobraziliense.com.br

A partir de 1967 também, começou a premiação em dinheiro, ainda que pequena, pois na época o Festival não contava com tanto patrocínio e ajuda do governo como nas edições atuais.

Atualmente, além da premiação de melhor filme, há diversas outras categorias e troféus dados durante o Festival.

Os prêmios técnicos, assim chamados, são de: melhor direção, melhor ator, melhor atriz, melhor ator coadjuvante, melhor atriz coadjuvante, melhor roteiro, melhor fotografia, melhor direção de arte, melhor trilha sonora, melhor som e melhor montagem. Há também premiações para os filmes de curta ou média metragem, e também premiação para o ganhador de melhor filme escolhido por júri popular (no começo de cada sessão da mostra competitiva é dada a todos os presentes uma cédula de votação). O valor total da premiação oferecida pelo Governo do Distrito Federal na 48ª edição do Festival foi de R\$340 mil, uma redução de 45,6% em comparação com as edições anteriores. O valor do prêmio principal de melhor filme por exemplo, foi reduzido de R\$250mil para R\$100 mil nesta edição.

Outro troféu dado durante o festival é o Troféu Câmara Legislativa. Ele foi criado em 1995 e já está presente há 20 anos no festival. Foi criado com o objetivo de estimular a produção audiovisual do Distrito Federal, pois só os filmes gravados

no Distrito Federal concorrem a esse troféu. Além de fomentar e incentivar a produção local, é um reconhecimento aos profissionais locais que trabalham no setor. Nos 20 anos desse troféu, segundo a Câmara Legislativa, foram 600 filmes inscritos, 70 filmes premiados, 1 milhão de espectadores e R\$2 milhões em prêmios dados. Além do júri oficial, há também as premiações do júri popular.

Outras premiações presentes no festival são: Prêmio ABCV – Associação Brasileira de Cinema e Vídeo; Prêmio Canal Brasil; Prêmio Exibição TV Brasil; Marco Antônio Guimarães, conferido pelo Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro; Prêmio Abraccine, dado pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema; e o Prêmio Saruê, dado pela equipe de cultura do jornal Correio Braziliense.

4.3 – ATIVIDADES PARALELAS

Além da exibição dos filmes e a premiação final centrada no Cine Brasília, durante a semana de realização do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, diversas outras atividades paralelas acontecem nos mais diversos pontos da cidade, incluindo as cidades satélites.

São programações voltadas para o mais diverso tipo de público, incluindo crianças, pessoas que não possuem intimidade com o cinema, estudantes e trabalhadores da área do cinema, jovens, famílias, etc.

Um dos exemplos dessas atividades é o “Festivalzinho”, mostras de filmes de curta-metragem com temática infantil, que foi realizado na 48ª edição em parceria com a Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis. Ele foi apresentado no Sesc de Ceilândia, Sesc de Taguatinga e no Sesc Gama. Três escolas públicas também foram equipadas com cinemas completos para a reprodução dos filmes.

Além da ampliação de lugares de exibição do “Festivalzinho”, a 48ª edição contou também com o 1º Festival de Filmes de Curta-Metragem das Escolas Públicas de Brasília, a fim de incentivar e valorizar as produções no contexto escolar. É um bom exemplo de descentralização do evento, importante passo para a

democratização do cinema, dando aos alunos e jovens das escolas públicas e das cidades satélites do Distrito Federal a oportunidade de conhecer, interagir e se interessar pelo mundo do cinema, dando até a oportunidade de serem diretores ou protagonistas dos filmes produzidos. Assim, o cinema passa a ser uma atividade mais palpável, fazendo com que esses estudantes passem a participar e experimentar o cinema, sem precisar sair do lugar onde moram, vivenciando uma nova realidade.

Além dessas mostras, há também atividades para quem já entende, estuda ou está interessado no cinema. São oferecidas palestras, seminários, fóruns, oficinas e debates com as equipes dos filmes. Na 48ª edição por exemplo, aconteceram aulas sobre direção de fotografia, roteiros cinematográficos, direção de produção cinematográfica e oficina de audiovisual para professores.

Beatriz Ramos¹, formada no curso de Cinema, e que já participou de aproximadamente cinco edições do Festival, conta que sua rotina sempre muda durante o período do evento, tentando aproveitar ao máximo a programação que o Festival oferece. Ela sempre procura participar das sessões de filmes à noite, ir aos debates e quando sobra tempo, de participar também das oficinas. Para ela, que é profissional da área, o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro é bem interessante e importante para a cidade, pois permite uma troca de experiências entre os profissionais da área e até mesmo para leigos, sendo um importante meio de dissipar a cultura brasileira dentro do próprio país e da cidade. Beatriz também cita a importância das sessões que acontecem nas cidades satélites, sempre gratuitas para a população mais carente.

Também, na área externa do Cine Brasília, durante os oito dias de festival, aconteceu o Quitutes, um evento gastronômico que contava com a presença de oito restaurantes, três food trucks e três quiosques de bebida, com chefes renomados e diversas opções de alimentação e bebidas.

Junto ao espaço reservado para o Quitutes, na área externa do Cine Brasília, durante todos os dias de festival, vários DJ's de diversas festas da cidade se apresentavam em um lounge, criado para o descanso e diversão das pessoas.

¹ Relato feito em: 24/11/2015



Imagem: Área externa do Cine Brasília, com food trucks, restaurantes, e ao fundo da imagem, o lounge. Fonte: <http://www.correiobraziliense.com.br/>



Imagem: Lounge, com a participação do projeto Cineme-se, que contou com Dj's e mostra de filmes.

Imagem: Marcus Senise

4.4 – DIFICULDADES DO FESTIVAL

O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro já passou por inúmeros problemas e dificuldades durante os seus 48 anos de existência. Nascido em plena ditadura militar, superou problemas técnicos, de espaço físico, de opressão e censura, e se tornou assim o mais antigo e mais resistente festival de cinema do Brasil.

A época mais difícil para o festival foi definitivamente a ditadura militar. Os filmes presentes no festival sempre tiveram um contexto ideológico e político, com

críticas à sociedade e a tudo que incomodava na época. Fato este que obviamente não agradava os militares da ditadura militar.

Os filmes que escapavam da proibição de ser passado no Festival eram recortados para se adequar ao regime. Estes recortes eram tantos que em 1969, os diretores do filme “Em Cada Coração um Punhal”, João Batista de Andrade, Sebastião de Souza e José Rubens Siqueira preferiram não exhibir o filme. A Folha de São Paulo definiu o evento dessa época como um “festival de censura”, e não de cinema.¹

Além dos recortes nos filmes, outros tipos de censura foram impostos, como o aumento da classificação indicativa para 21 anos, ainda que a maioria era de 18 anos. Também vários filmes foram permitidos serem vistos apenas para o júri e convidados, e proibidos para o público em geral.

Vladimir Carvalho também foi alvo da censura. Maria do Rosário Caetano escreve que em 1971, a Fundação Cultural do Distrito Federal impediu a exibição do filme “O País de São Saruê”, sendo este substituída por “Brasil Bom de Bola”, um filme ufanista que fazia apologia ao futebol, e que terminava com o então presidente Médici recebendo a Seleção Brasileira na tribuna de honra do Palácio do Planalto. O filme não tinha nenhuma condição de concorrer a um festival como o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

Quando os espectadores presentes perceberam que o filme de Vladimir Carvalho tinha sido substituído, começaram a vaiar, gritar e quebrar as cadeiras.

Com a chegada da polícia, o filme não foi exibido, porém os militares usaram esse fato para proibir o festival por três anos (1972, 1973 e 1974). O FBCB retornou em 1975 com o governo Geisel, que prometia uma abertura lenta e gradual. Desde então o festival acontece ininterruptamente até os anos atuais.

Outro problema que persistiu por muito tempo no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro foi a falta de um espaço com condições para receber um evento com a proporção do FBCB. O Cine Brasília ficou em situação de abandono por muitos anos, já que recebe seu maior público e atenção somente durante o período do Festival, sendo pouco freqüentado durante o resto do ano. Quando chegava o

¹ Retirado do site <http://www.ebc.com.br/cultura/2014/09/festival-de-brasilia-e-parte-da-historia-da-capital-do-pais> Acesso em: 29/10/2015

período do Festival, a organização tentava “maquiar” o espaço, com soluções provisórias e ineficazes para os diversos problemas que o Cine Brasília possuía. Reclamações sobre o espaço persistiram por muitos anos, em relação aos banheiros inadequados, poltronas e carpetes deteriorados, falta de ventilação, equipamento de projeção inadequado, entre outros. Quando os problemas se tornavam graves demais, o Festival migrava e ia para o Cine Karim ou outros espaços de cinema pela cidade, chegando a ter acontecido em 1988, no multiplex do ParkShopping, em duas pequenas salas do complexo.



Imagem: Situação de abandono do Cine Brasília em 2008. Fonte: <http://coisa.zip.net/>

Uma reforma que durou quase dois anos, de 2011 a 2013, melhorou as condições do Cine Brasília. Foram renovadas as poltronas e o sistema de ar condicionado, incluídas poltronas para cadeirantes e obesos, criadas rampas de acessibilidade dentro e fora do cinema, com corrimões laterais e piso tátil, além da criação de um banheiro adaptado. Reforma essa que dá ao Cine Brasília a valorização que merece, devido à sua história e importância cultural para a cidade.

Em 2015, na sua 48ª edição, outros problemas apareceram. Além da diminuição do valor pago nas premiações do Festival, que passaram de R\$625 mil para R\$340 mil, uma redução de 45%, o Festival foi afetado pela chamada “Lei do

Silêncio”¹. Realizadores, cineastas, produtores e convidados, enquanto se confraternizavam e trocavam informações na praça de alimentação, na área externa do Cine Brasília, foram surpreendidos com o apagar das luzes e o convite para se retirarem nos dois primeiros dias de evento, surpreendendo negativamente vários produtores e cineastas que ali se encontravam.

Em um evento com tamanha importância nacional como o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, que já passou por inúmeras dificuldades, censuras e proibições, há de se ter mais tolerância e respeito às pessoas ali presentes e com o próprio Festival em si, que é um meio de troca de ideias, fruto de debates e discussões. O Festival foi criado para ser desfrutado e experimentado por todos, moradores locais, turistas, cineastas, curiosos, e isso não deve ser restringido ou limitado por meros decibéis.

¹ A Lei nº 4.092/2008, válida desde 2012, determina que o volume provocado por atividades em área mista com vocação comercial seja de, no máximo, 65 decibéis em ambientes externos durante o dia e de 55 dB durante a noite. A lei gera polêmica entre produtores culturais, músicos, donos de bares e restaurantes, que consideram o limite de decibéis muito baixo, prejudicando não só seus estabelecimentos mas também a vida cultural da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para responder a problemática dessa monografia e saber de que forma o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro se transforma em uma experiência turística para o habitante da cidade, primeiramente é necessário que o morador de Brasília crie e possua o sentimento de pertencimento e identificação com a própria cidade. Experimentar a cidade em todas suas formas, participar de eventos, ir à lugares novos, caminhar e descobrir novos lugares, treinar o olhar para o desconhecido. A partir daí, o espaço é compreendido de uma melhor maneira pelo morador, que passa a ser um *turista cidadão*.

A relação espaço-corpo pode ser experimentada através de eventos ao ar livre por exemplo, fazendo com que as pessoas visitem e redescubram novos lugares, como foi o caso relatado pela Bruna Nayara, que através de um evento de cinema a céu aberto na 207 norte, visitou um lugar que ela nunca tinha ido antes, e conseguiu ainda relembrar de sua infância, na qual também freqüentava várias sessões de filmes a céu aberto no Gama, que infelizmente, se tornaram raras hoje em dia.

Essas trocas entre o espaço e a pessoa geram um aprendizado, uma valorização histórica e cultural da cidade e uma melhor compreensão do lugar em que se vive, dando assim um novo significado à Brasília.

Explorar Brasília além dos monumentos e da área central permite à pessoa descobrir os espaços bucólicos da cidade, espaços culturais, áreas verdes ou eventos ao ar livre, se conectando assim aos espaços públicos da cidade, planejados por Lúcio Costa exatamente para fornecer essa troca entre o morador e a cidade.

Esse novo olhar pela cidade se dá também através de espaços novos, como o Paradiso Cine Bar e o projeto Cineme-se, que permite com que o morador tenha uma opção diferente de programação no meio da semana, mudando sua rotina e ajudando a movimentar a cidade, como relata Guilherme Oliveira, freqüentador desse espaço.

Brasília possui uma relação duradoura com o cinema, relação essa que data desde a época da construção da cidade. Diversas mostras, diretores, atores e produções se inspiram ao usar e observar o cenário e arquitetura da capital. Isso

deu a Brasília o título de destino referência no Turismo Cinematográfico, segundo o Ministério do Turismo, o que ocasionou até a criação de uma Film Commission, feita para atrair produções cinematográficas para a capital.

Brasília comporta também o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, o mais antigo e tradicional do Brasil. O Festival foi ganhando prestígio e visibilidade ao longo dos seus 48 anos de existência, e hoje, permite uma participação e inclusão de moradores das cidades satélites, estudantes de escolas públicas e pessoas com baixa renda, que possuem por meio do Festival a oportunidade de participar, vivenciar e se interessar pelo cinema, tentando democratizar assim o acesso ao cinema a todos os interessados.

Apesar de toda a tradição e prestígio que a população tem pelo cinema, esse anseio de cultura muitas vezes é impossibilitado de ser concretizado devido a empecilhos que vêm do governo, como a falta de espaços culturais para quem mora nas cidades satélites ou a falta de um transporte público adequado para quem deseja assistir algum espetáculo cultural no Plano Piloto. Problemas esses presentes nas falas de Pablo Cunha e Bruna Nayara, que mostram que há uma demanda para a arte nas cidades satélites, mas que muitas vezes a dificuldade de acesso pode impossibilitar que essas pessoas experimentem esses eventos e espetáculos culturais.

Atitudes como a do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro de levar suas mostras e filmes a lugares distantes é um passo importante, pois possibilita um acesso facilitado às pessoas que querem e merecem sentir essa experiência que é ter um cinema ou um teatro perto do lugar onde moram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA – **Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro.** 2014 Disponível em: http://issuu.com/oca_ancine/docs/anu__rio_estat__stico_do_cinema_bra Acesso em: 02/10/2015

ALBERNAZ, P. da C. 2009. **Curta Brasília: A imagem da cidade no olhar do cinema e sua relação com o turismo.** 2009. 193p. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Brasília, Brasília.

BAHIA, Berê. **30 Anos de Cinema e Festival: A história do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.** Brasília: Fundação Cultural do Distrito Federal, 1998.

BEETON, Sue. **Film-induced Tourism.** Inglaterra, 2005

BIGNAMI, Rosana. **A imagem do Brasil no turismo: construção, desafios e vantagem competitiva.** São Paulo: Aleph, 2002. (Coleção Turismo).

BONOMI, Andréa. **Fenomenologia e Estruturalismo.** São Paulo. Editora Perspectiva S.A., 1974

BRASIL. MINISTERIO DO TURISMO. 2007. **Estudo de Sinergia e Desenvolvimento entre as Indústrias do Turismo & Audiovisual Brasileiras.** Ministério do Turismo, Governo Federal, 2007. 119p .Plano Nacional de Turismo 2007 – 2010. Ministério do Turismo, Governo Federal.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural: orientações básicas.** / Ministério do Turismo. – 3. ed.- Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

CAETANO, Maria do Rosário. **Festival 40 anos: a hora e vez do filme brasileiro. Brasília** : Secretaria da Cultura, 2007. 315 p.

COSTA, Lucio. **Plano Piloto**. IPHAN. Disponível em: <http://www.guiadebrasil.com.br/historico/revisitada-d.htm>. Acesso em 20/05/2015.

GASTAL, Suzana. **Lugar de memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local**. In: GASTAL, Suzana. Turismo: investigação e crítica. São Paulo: Contexto, 2002.

GASTAL, Susana. **Turista Cidadão: Uma contribuição ao estudo da cidadania no Brasil**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB, 2006.

MASINI, E. F. S. **Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação**. In: FAZENDA, I. (Ed.) Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 1989.

MINISTÉRIO DA CULTURA – **Cultura em números – 2º Ed.** - Brasília: Ministério da Cultura, 2010.

MINISTÉRIO DO TURISMO – **1º Etapa de Desenvolvimento do Destino Referência em Turismo Cinematográfico no Brasil**. Instituto Dharma. Brasília, 2009.

MOTA, Ariana Timbó. **O cinema Brasiliense em uma narrativa antropológica**. 2006. 389 f. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 2006

NETTO, Alexandre Panosso. **Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2011.

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território**. Revista GEOgrafia, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 7-13, jun.1999. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/2/2>. Acesso em: 22/05/2015.

SANTOS, M. **O dinheiro e o território**. In: SANTOS, M. BECKER, B. K . et al. Território, territórios. Ensaio sobre o ordenamento territorial. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 13-21.

SHELTON, Lindsay. Membro da Film Comission da Nova Zelândia. Trecho proferido durante as palestras no painel "Turismo e Indústria Cinematográfica" no Fórum Mundial de Turismo, realizado em Porto Alegre, em 2006.

ULHÔA, Inês; DIAS, Karina. **Cidade, cultura e turismo: para além do entretenimento.** Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, v. 13, n. 103, p. 146-162, dez. 2012. ISSN 1984-8951. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1984-8951.2012v13n103p146>>. Acesso em: 20 Mai. 2015.

